



As Religiões diante dos desafios das Migrações Internacionais

ITALIANO	3
Migranti per la metà cristiani	3
I laici scalabriniani criticano le politiche migratorie europee	4
Arcivescovo di Los Angeles: "Immigrati sono opportunità e non un problema"	5
Latinos a San Pietro per la Virgen de Guadalupe	6
Il successo di San Toribio, protettore dei clandestinos	6
FCEI - "Accoglienza allo straniero"	7
Così in Occidente nasce il nuovo Islam politico	8
PORTUGUÊS	8
Multiculturalidade e religiões entre os imigrantes	8
Igrejas e cultos brasileiros expandem presença em Londres	9
Política de imigração de Romney vai contra a de sua igreja	11
Haitianos no Brasil. Entrevista especial com Rutemarque Crispim	12
Migrantes católicos: portadores de esperança no mundo	14
Refugiados: desafio para igreja e sociedade	16
ENGLISH	17
Combating Islamophobia in Florida	17
Migration offers opportunity for growth, mission, say speakers in Rome	20
Immigration Reform Is Our Jewish Responsibility	21
Religion leaders see immigration as 'God's call'	22
Catholic social teaching must inform immigration debate, says LA archbishop	23
Jewish and Muslim leaders join forces to combat xenophobia	24
Pope Urges Muslim-Christian Dialogue	25
ESPAÑOL	26
El 73% de los inmigrantes no se siente identificado con ninguna religión	26
Unos 500 curas extranjeros ejercen en España en iglesias o con inmigrantes	27
Uno de cada cinco templos españoles no es católico	28
Musulmanes y judíos franceses se unen en protesta por la politización del debate sobre la carne halal	29
Islam en Buenos Aires	30
Diócesis mexicana diseña estrategia contra los abusos a inmigrantes	32
Obispos católicos piden respaldo para indocumentados	33

EDITORIAL

Até alguns anos atrás, raramente a dimensão religiosa entrou na pauta dos debates relacionados com a mobilidade humana. Uma difundida mentalidade secularizada relegava o fato religioso ao foro interno da pessoa, tornando-o, desta forma, irrelevante na análise dos fenômenos sociais

No entanto, recentemente estão se multiplicando estudos que apontam a religião e a religiosidade dos migrantes como fatores que podem interferir nos motivos da saída da terra de origem, na escolha da terra de destino e, inclusive, nos processos de integração no novo contexto sócio-cultural. Além disso, numerosas pesquisas revelam como as migrações internacionais podem provocar importantes mudanças tanto na religiosidade dos migrantes quanto na estruturação das próprias tradições religiosas.

Prova desse renovado interesse pela dimensão religiosa é um recente relatório do *Pew Forum on Religion & Public Life* do *Pew Research Center*, que apresenta dados inéditos sobre a afiliação religiosa dos migrantes internacionais. Trata-se apenas de *estimativas*, mas que permitem ter um quadro geral da relação entre migrações internacionais e afiliação religiosa.

Conforme esse relatório, que se refere ao ano 2010, os cristãos representam cerca da metade dos migrantes internacionais (49%), seguidos pelos muçulmanos (27%), os hinduístas (5%), os budistas (3%) e os judeus (2%). Membros de outras religiões – sikhs, jainistas, taoístas, afiliados a tradições africanas e chinesas, entre outras – totalizam 4%, sendo o restante (9%) composto por pessoas não afiliadas a nenhuma instituição religiosa.

No caso da América Latina e do Caribe, o México é o maior emissor de migrantes cristãos do mundo, com mais de 12 milhões, seguido pela Colômbia (11º lugar, com 2 milhões), Porto Rico (14º lugar, com 1,5 milhões), Brasil (16º lugar, com 1,3 milhões), Salvador (19º lugar, com 1,1 milhões) e Equador (21º lugar, com 1,09 milhões). De afiliação cristã são cerca de 91% dos emigrantes oriundos da América Latina e Caribe e cerca de 85% dos imigrantes que chegam na região - entre o reduzido número de não-cristãos, destaca-se a chegada de muçulmanos.

Os resultados do relatório levantam alguns importantes desafios. Em primeiro lugar, ao que tudo indica as migrações estão provocando uma rápida alteração do campo religioso de vários países. Nos Estados Unidos, por exemplo, a histórica hegemonia das tradições protestantes está sendo atenuada pela forte imigração de católicos, judeus, muçulmanos, sikhs, hinduístas e budistas – atualmente, os afiliados a tradições protestantes são cerca da metade da população dos EUA, sendo que eram 2/3 em 1960. Importantes mudanças estão ocorrendo também na Europa, pela crescente presença muçulmana, e nos países do golfo Pérsico, pela imigração de trabalhadores asiáticos e africanos afiliados ao cristianismo ou religiões orientais. As migrações, em outros termos, estão contribuindo de forma determinante a quebrar os monopólios religiosos.

O relatório contribui, também, para superar determinados estereótipos sobre as migrações. Por exemplo, na União Europeia, o número de migrantes afiliados ao cristianismo (cerca de 26,3 milhões) é mais que o dobro em relação àqueles afiliados ao Islã. Mesmo considerando apenas a imigração extra-UE, o número de migrantes cristãos continua superior (13,1 milhões, contra 12,6). Na realidade, conforme o relatório do *Pew Forum on Religion & Public Life*, entre os primeiros 10 países receptores de migrantes de afiliação islâmica, 6 são de tradição muçulmana – o primeiro em absoluto é a Arábia Saudita. Esses dados nos levam a assumir um olhar mais crítico em relação à assim chamada “islamização da Europa” ou “Eurásia”.

Um terceiro aspecto importante refere-se à questão política. A mudança do campo religioso de determinados países, ao quebrar os tradicionais monopólios, acaba gerando uma disputa entre as diferentes tradições religiosas, bem como uma intensa luta em busca do reconhecimento dos próprios direitos nas esferas públicas. A presença de “estranhos exigentes”, ou seja, de afiliados a tradições religiosas não tradicionais no território que reivindicam igual tratamento em relação às demais denominações, acabou desarranjando determinados equilíbrios na regulamentação da espinhosa relação entre Estado e Igreja (religiões). A disputa sobre a presença do crucifixo nas salas de aula na Itália, as polêmicas acerca da inclusão do cristianismo na Constituição Europeia ou as numerosas proibições relacionadas a práticas religiosas – o *burqua* islâmico ou a matança ritual de animais, entre

outras – revelam as dificuldade em lidar com um campo religioso profundamente transformado e plural.

Finalmente, há um último desafio referente à posição que as religiões mundiais assumem em relação ao fenômeno migratório. Num contexto de intensas migrações internacionais, muitos grupos religiosos costumam enviar ministros para acompanhar os próprios afiliados a fim de evitar o esfriamento da fé e da prática cultural. A migração, enquanto afastamento de referenciais identitários, é interpretada como um perigo para a religiosidade do migrante. Não raramente, lideranças religiosas tomam posição também em defesa da dignidade dos migrantes, denunciando a violação de direitos e conscientizando as próprias comunidades.

Nessas atividades, no entanto, existe sempre o risco que essas lideranças religiosas tenham uma preocupação unilateral e exclusiva em relação aos “próprios” migrantes. Isso é compreensível em questões especificamente doutrinárias e rituais, mas no que diz respeito à questão ética, as religiões mundiais são chamadas a anunciar a universalidade do respeito da dignidade humana, independentemente da naturalidade e da afiliação religiosa da pessoa. Em outros termos, enquanto portadoras de uma visão do mundo que ultrapassa a imanência e, portanto, que tende relativizar – não desprezar – qualquer tipo de construção histórica – incluindo as fronteiras entre os Estados – as religiões mundiais são chamadas a tomar uma posição firme em prol da vida e da dignidade de todos os migrantes, exigindo, por parte dos governos nacionais e dos organismos internacionais, a subordinação de qualquer tipo de interesse específico à defesa intransigente dos direitos fundamentais do ser humano.

ITALIANO

Migranti per la metà cristiani

L'enorme crescita dei flussi migratori da un continente all'altro rappresenta un fenomeno tra i più interessanti e studiati di inizio ventunesimo secolo. Secondo una recente ricerca condotta dall'istituto indipendente di analisi politico-sociali «Pew Research» — con sede a Washington — circa la metà dei migranti nel mondo sono cristiani, mentre più di un quarto sono di religione musulmana. Si tratta di una ricerca che ha come riferimento temporale l'anno 2010 e che comprende confronti di dati basati su vari studi in tema di immigrazione. In essa, in particolare, si definiscono migranti «colui o colei che vivono da più di un anno in un Paese che non è quello nel quale sono nati».

Dal 1960 — osservano i ricercatori — il numero dei migranti è all'incirca triplicato arrivando a raggiungere la quota, nel 2010, di duecentoquattordici milioni. Di questi, si sottolinea, centosei milioni erano di fede cristiana (49 per cento) mentre più di sessanta milioni (27 per cento) erano musulmani. Messico, Russia e Ucraina le principali nazioni dalle quali i cristiani risultano essere emigrati. Per quanto concerne, invece, i Paesi di destinazione, al primo posto si trovano gli Stati Uniti, che hanno accolto un immigrato su cinque sul totale dei flussi. Con percentuali molto minori figurano poi i fedeli di altre religioni: nel 2010 undici milioni di migranti (5 per cento) erano indu,

sette milioni (3 per cento) buddisti e poco più di tre milioni e mezzo (meno del 2 per cento) ebrei.

Secondo il Pew Research, l'analisi, dal titolo «La fede in movimento», rispecchia approssimativamente la situazione generale per quanto concerne la consistenza della popolazione cristiana nel mondo: infatti, mentre all'incirca una persona su tre nel mondo è cristiana, nel caso degli immigrati il rapporto è di una su due. Come detto, sono gli Stati Uniti e l'America settentrionale in generale ad aver accolto, sempre nell'anno in questione, il maggior numero di immigrati (43 milioni); seguono Europa, Australia e Paesi arabi. Dopo gli Stati Uniti, le nazioni con alte percentuali di accoglienza di immigrati sono Russia e Germania (con più di dieci milioni a testa). Il Messico è risultato il Paese con la popolazione migrante più numerosa (tredici milioni), che nella maggioranza dei casi sceglie come meta del viaggio proprio gli Stati Uniti. L'Arabia Saudita è invece la destinazione di emigrazione privilegiata dai musulmani, seguita dalla Russia, dalla Germania e dalla Francia. India e Israele, infine, sono le destinazioni principali rispettivamente per indu ed ebrei di altre nazioni. Fra l'altro, nell'analisi del Pew Research, si pone in evidenza che l'Europa, contrariamente alla comune percezione,

risulta meta di emigrazione più dei cristiani che dei musulmani.

In un precedente studio del Pew Research, era stato evidenziato un altro fenomeno, cioè come la distribuzione della popolazione cristiana nel mondo sia considerevolmente mutata nel tempo. Infatti, i cristiani nei vari Paesi sono 2,18 miliardi, quasi un terzo della popolazione mondiale (6,9 miliardi) ma il baricentro della loro presenza si è decisamente spostato nel tempo dall'Europa all'America, all'Africa e all'Asia. Il numero dei cristiani nel corso degli ultimi cento anni è all'incirca quadruplicato. Quello che in particolare si rileva è il fatto che il continente europeo non appare più l'area a

prevalenza cristiana. Nel 1910 ben il 66,3 per cento dei fedeli delle varie confessioni cristiane si trovava in Europa, il 27,1 per cento in America e con percentuali minori in altre aree geografiche. Nel 2010 la situazione è completamente mutata: il 25,9 per cento dei cristiani era presente in Europa, il 36,8 per cento in America e il 23,6 per cento nell'Africa subsahariana.

Fonte:

<http://www.osservatoreromano.va/portal/dt?JSPTabContainer.setSelected=JSPTabContainer%2FDetail&last=false=&path=/news/religione/2012/059q12-Migranti-per-la-met--cristiani.html&title=Migranti%20per%20la%20met%C3%A0%20cristiani&locale=it> - 12.03.12

I laici scalabriniani criticano le politiche migratorie europee

La "primavera araba" deve essere accompagnata da una "primavera culturale"

A fronte dei drammatici esodi che si stanno consumando nel Mediterraneo, come diretta conseguenza della "primavera araba" che ha interessato il Nord Africa e il Medio Oriente, i laici scalabriniani hanno deciso di levare le loro voci contro le politiche migratorie europee.

In una nota dell'equipe di coordinamento del Movimento dei laici scalabriniani di Africa ed Europasi osserva che quello a cui stiamo assistendo è "uno sconvolgimento epocale, che è sfuggito alle nostre analisi occidentali e, soprattutto alle nostre politiche, in particolare quelle legate alle migrazioni".

"Per contrastare e bloccare l'immigrazione clandestina ed irregolare in Europa – continua la nota –, si era puntato su regimi monarchico-teocratici o dittatoriali, ai quali avevamo concesso protezione e mezzi, affinché essi assicurassero una stabilità, soprattutto nel sud del Mediterraneo. Non avevamo minimamente considerato le situazioni gravi di sfruttamenti, ingiustizie e mancanza di partecipazione popolare".

Tuttavia, si afferma, "queste dighe fittizie sono saltate ed ora ci ritroviamo di fronte a fenomeni di fuga, difficilmente controllabili, con decine di migliaia di fuggiaschi e di disperati, che cadono nelle reti criminali dei 'sensali di carne umana', al di là dei programmi delle istituzioni che si rivelano inadeguati ed impotenti".

Ecco perché gli scalabriniani hanno espresso "perplexità" e "disappunto" per le "politiche migratorie europee, in particolare per quanto concerne l'attuale esodo dalla Libia".

"Non accettiamo la logica di interessi geopolitici – sostengono – e, soprattutto economici che ha portato all'attuale 'guerra' ed alla sua escalation: il

regime dittatoriale di Gheddafi, appoggiato fino a qualche mese fa, è stato scaricato anche dall'Italia non tanto per i proclamati ideali "democratici", quanto piuttosto per interessi economici".

"Facciamo notare che i disperati che affrontano la morte nel loro viaggio verso Lampedusa e verso l'Europa sono, nella quasi totalità, migranti che, ingaggiati come lavoratori in Libia, provengono dall'Etiopia, Eritrea, Somalia ed all'Africa subsahariana, ma anche da alcuni paesi asiatici e nell'attuale situazione di guerra non solo sono rimasti senza lavoro, ma rischiano di diventare oggetto di persecuzione e di nuove discriminazioni, in quanto vengono considerati un "prodotto" e, quindi alleati del precedente regime".

"Nonostante ci troviamo di fronte a numeri consistenti di fuggiaschi e di richiedenti asilo – si legge ancora nella nota –, riteniamo che l'enfasi martellante sulla 'invasione' sia strumentale ed in buona parte demagogica, in quanto funzionale ai discorsi di politica interna, in particolare della Francia e dell'Italia: i nostri Paesi possono affrontare l'accoglienza e l'inserimento di una quota consistente di persone, che stanno vivendo una emergenza umanitaria, nonostante il periodo di crisi".

Per gli scalabriniani "la 'fuga verso l'eccezione' riguardo alle norme europee, invocata in queste settimane in nome dell'emergenza, più che una soluzione alle problematiche ed alle dinamiche migratorie attuali è segno dell'impotenza e, a volte, dell'insipienza delle politiche nazionali riguardanti le migrazioni".

"Siamo convinti - sottolineo – che il fallimento della 'politica europea di sviluppo', concentrata principalmente negli aiuti per il contrasto migratorio,

deve portare l'Europa ed i Paesi europei (ed in particolare l'Italia) ad impostare una politica di sviluppo nei confronti dei Paesi del Sud del Mediterraneo, tendente alla partecipazione popolare, alla costruzione di un "ceto medio" e ad investimenti in politiche di sviluppo per i giovani".

Di qui l'appello a contribuire "al risveglio e alla promozione di una 'primavera culturale' della nostra

mentalità europea, dominata dalla paura dell'invasione".

"Se dobbiamo rispondere alle paure e alle insicurezze sentite e vissute dalla popolazione – concludono –, non possiamo fondare una politica di governance delle migrazioni sulle paure, ma, nella nostra tradizione culturale europea, sui diritti della persona umana".

Fonte: <http://www.zenit.org/rssitalian-27119> - 17.06.11

Arcivescovo di Los Angeles: "Immigrati sono opportunità e non un problema"

"L'immigrazione è la chiave del rinnovamento in America"

"Tutti conosciamo gli insegnamenti della nostra Chiesa sull'immigrazione. Quello che dobbiamo capire meglio e' come considerare l'immigrazione alla luce della storia e degli obiettivi dell'America, nella prospettiva della nostra fede cattolica. Se immaginiamo l'immigrazione da questa prospettiva, riusciamo a capire che essa non e' un problema per l'America, ma un'opportunità".

E' quanto sottolinea Jose' Horacio Gomez, Arcivescovo metropolitano di Los Angeles, in un intervento sull'Osservatore Romano.

L'immigrazione, rileva Gomez, "e' la chiave del rinnovamento americano. Fra i nostri problemi attuali vi e' quello di aver perduto il senso della storia nazionale dell'America. L'America deve essere un luogo di incontro con Gesu' Cristo vivente. Questa fu la motivazione dei primi missionari. Il carattere e lo spirito nazionale americani sono profondamente segnati dai valori evangelici che essi hanno portato in questa terra. Questi valori sono cio' che rende cosi' speciali i documenti fondanti del nostro Paese". "Benche' fondata da cristiani -osserva- l'America e' divenuta la casa di una sorprendente diversita' di culture, religioni e modi di vita. Questa diversita' prospera proprio perche' i fondatori della nostra Nazione hanno avuto una visione cristiana della persona, della liberta' e della verita' umane".

"La nostra identita' e la nostra cultura americane - prosegue l'Arcivescovo di Los Angeles- sono radicate in idee essenzialmente cristiane sulla dignita' della persona umana. Tuttavia, la storia dei Padri Fondatori e le verita' che ritenevano ovvie non e' tutta la storia dell'America. Il resto della storia comincia piu' di un secolo prima dei pellegrini. Comincia negli anni venti del Cinquecento in Florida e un ventennio piu' tardi in California. Non e' la storia di un insediamento coloniale e di un'opportunita' politica ed economica. E' la storia di esplorazione e di evangelizzazione". "Questa storia - aggiunge - non e' anglo-

protestante, ma ispanico-cattolica. Non e' incentrata nel New England, ma nella Nueva España, agli angoli opposti del continente. Da questa storia apprendiamo che ancor prima che questa terra avesse un nome, i suoi abitanti venivano battezzati nel nome di Gesu' Cristo. Gli abitanti di questa terra furono chiamati cristiani ancor prima che americani. E furono chiamati cosi' in spagnolo, in francese e in inglese. Da questa storia apprendiamo che molto prima del Tea Party di Boston, i missionari cattolici celebravano messa sul continente".

"I cattolici - ricorda - fondarono il piu' antico insediamento americano a Saint Augustine, in Florida, nel 1565. I missionari immigrati chiamavano i fiumi, i monti e i territori di questo continente con nomi di santi, sacramenti e articoli di fede. Ora diamo per scontati questi nomi, ma la nostra geografia attesta che la nostra nazione e' sorta dall'incontro con Gesu' Cristo: Sacramento, Las Cruces, Corpus Christi, Sangre de Cristo Mountains.

Gomez ricorda poi che "il credo americano di base e' che tutti gli uomini e tutte le donne sono creati uguali e che Dio ha dato loro diritto alla vita, alla liberta' e alla ricerca della felicita'. Ogni altra nazione e' stata fondata sulla base di un territorio e di un'appartenenza etnica comuni, vincoli di terra e di consanguineita'. Invece, l'America e' basata su questo ideale cristiano, su questo credo che riflette il sorprendente universalismo del Vangelo". Di conseguenza, "la nostra e' sempre stata una Nazione di nazionalita'. E pluribus unum. Un popolo fatto di persone di molte nazioni, razze e fedi.

Nel corso della storia, sono sempre sorti problemi quando abbiamo dato per scontato questo credo americano oppure quando abbiamo cercato di limitarlo in qualche modo. Per questo - osserva nel suo intervento sull'Osservatore Romano - e' essenziale che oggi ricordiamo la storia missionaria dell'America e ci dedichiamo di nuovo all'idea del suo credo fondante". "Dobbiamo guardare

all'immigrazione nel contesto dell'esigenza di rinnovamento dell'America. Dobbiamo considerare sia l'immigrazione sia il rinnovamento americano alla luce del disegno salvifico di Dio e della storia delle nazioni. La promessa dell'America - aggiunge - e' che possiamo essere una Nazione in cui uomini

e donne di ogni razza, credo e formazione nazionale possano vivere come fratelli e sorelle"

Fonte: <http://www.stranieriinitalia.it/attualita-arcivescovo-di-los-angeles-immigrati-sono-oppurtunita-e-non-un-problema-13573.html> - 11.08.11

Latinos a San Pietro per la Virgen de Guadalupe

In migliaia alla messa del Papa dedicata alle Madonna apparsa all'azteco Juan Diego Cuauhtlatoatzin. Benedetto XVI: "America Latina sempre più protagonista nel mondo"

Diverse migliaia di latinoamericani residenti in Italia ieri si sono riuniti ieri a San Pietro dove Benedetto XVI ha celebrato una messa in onore della patrona dell'America Latina, la 'Virgen de Guadalupe'.

L'evento è iniziato con un corteo dove ragazzi vestiti in abiti tipici portavano la bandiera dei loro Paesi. Presente anche la bimba colombiana rapita e poi liberata dai guerriglieri FARC, che portava la bandiera del suo Paese rappresentando le future generazioni che vogliono la pace.

Nell'altare centrale, affianco ad una colonna del Bernini c'era un quadro della madonna di Guadalupe, ricordata dal papa come "la Morenita de Tepayac" (la brunneta della località di Tepayac), con viso dolce e sereno, rimasta stampata nel 'poncho' dell' indio Juan Diego". Il culto e' legato alla tradizione delle apparizioni di Maria che si sarebbero manifestate diverse volte nel dicembre 1531 sulla collina del Tepeyac, in Messico, a Juan Diego Cuauhtlatoatzin, un azteco convertito al cristianesimo, e che oggi figura tra i santi della Chiesa.

L' omelia del papa è stata interrotta da un caloroso applauso quando ha annunciato che a marzo viaggerà in Latinoamerica: "Sostenuto dall'aiuto della provvidenza divina, ho l'intenzione di intraprendere un viaggio apostolico prima della Pasqua a Messico e Cuba, per proclamare la parola di Cristo".

Alla messa hanno partecipato diversi cardinali latinoamericani: Nicolás de Jesús López di Santo Domingo; Jaime Ortega, di Cuba; Oscar Rodríguez Maradiaga, dell'Ondura; Juan Luis Cipriani, del Perù; Raymundo Damasceno, del Brasile; Francisco Javier Errázuriz, del Cile, oltre agli ambasciatori dei Paesi latinoamericani presso la Santa Sede.

Due cori hanno accompagnato la celebrazione, uno che ha interpretato diversi brani della 'messa creola' dell' argentino Ariel Ramirez, e quello della Cappella Pontificia Sistina, dove ci sono alcuni membri di origine sudamericana, con musiche sacre.

Il papa ha detto che l'America Latina nel bicentenario dell'indipendenza di vari paesi, progredisce in un cammino di integrazione e "prende un nuovo protagonismo emergente nell'insieme mondiale". E oltre a chiedere a questi Paesi di "salvaguardare il loro tesoro di fede e dinamismo storico culturale difendendo la vita dal concepimento alla fine naturale" ha ricordato che ci sono problemi urgenti da risolvere: "La corruzione e sradicare l'ingiustizia, la violenza, la criminalità, l'insicurezza, il narcotraffico e l'estorsione".

Fonte: <http://www.stranieriinitalia.it/nuovi-cittadini-latinos-a-san-pietro-per-la-virgen-de-guadalupe-14201.html> - 13.12.11

Il successo di San Toribio, protettore dei clandestinos

Prete guerrigliero fucilato nel secolo scorso, oggi è venerato da chi arriva illegalmente negli Usa. In questi giorni la sua statua è in tour in California e c'è chi gli chiede di aiutare Obama con la riforma dell'immigrazione

Elvio Pasca

Toribio Romo Gonzales è un prete fucilato nel 1928 a Tequila, in Messico, durante la ribellione dei "Cristaleros". Diceva messa per i contadini che combattevano contro le leggi anticattoliche emanate dal presidente Plutarco Calles, un

massone che definì la Chiesa "sola causa di tutte le sventure del Messico".

Proclamato santo una decina di anni fa, questo prete guerrigliero è diventato il protettore dei migranti messicani, soprattutto di quelli che

rischiano la vita per passare illegalmente il confine con gli Usa. Uno di loro, perso e disidratato nel deserto, raccontò di essere stato salvato da un giovane con gli occhi azzurri identico a Toribio. Fu la prima di una lunga serie di imprese al fianco dei disperati.

Due settimane fa una statua del santo, con una reliquia della sua anca, è partita dal Messico per un tour in California che sta attirando migliaia di fedeli. Ogni tappa, scrive oggi il New York Times, vede un grande accalcarsi di latinos, tra messe, preghiere e souvenir. I fedeli ringraziano per la protezione ricevuta e chiedono nuovi favori. Anche quella riforma dell'immigrazione, sanatoria inclusa, che Obama stenta a condurre in porto.

Durante la tappa della statua a San Francisco, il quotidiano americano ha intervistato la signora Lucia Castillo: "Siamo qui – dice - per ringraziare san Toribio per tutto quello che ha fatto per noi". La donna è convinta che il santo connazionale l'abbia resa invisibile alla polizia durante il suo viaggio della speranza, e che ci sia la sua mano anche dietro la green card appena ottenuta dal marito. Ora chiede un ultimo sforzo per accelerare le pratiche del suo visto.

In Italia, per ora, non si registrano culti paragonabili a questo. Durante qualche manifestazione contro le leggi sull'immigrazione è apparso un certo San Papier. Pochi però credono che possa far miracoli.

Fonte: <http://www.stranieriinitalia.it/attualita-il-successo-di-san-toribio-protettore-dei-clandestinos-13369.html> - 01.07.11

FCEI - "Accoglienza allo straniero"

Paolo Naso: "L'immigrazione pone alle nostre chiese diverse sfide: politica, sociale ed ecclesiologica" - Mah Fomundam: "E' la chiesa che mi ha dato il senso della comunità qui in Italia, ed è la chiesa che ha sostenuto il mio percorso di integrazione"

Tra i numerosi temi affrontati al Sinodo delle chiese metodiste e valdesi c'è anche quello dell'accoglienza e dell'integrazione degli stranieri. "Dei 5 milioni di immigrati che vivono e lavorano stabilmente in Italia circa 3-400.000 sono evangelici". Questi dati sono stati presentati durante l'odierna conferenza stampa tenutasi a Torre Pellice (TO) al Sinodo da Paolo Naso, responsabile del progetto "Essere chiesa insieme" della Federazione delle chiese evangeliche in Italia (FCEI). Il progetto nasce più di dieci anni fa per affrontare la questione della crescente presenza di immigrati nelle chiese evangeliche italiane.

"Il fenomeno dell'immigrazione – ha affermato Naso – pone alle nostre chiese diverse sfide. Sul piano politico bisogna impegnarsi per una parità di diritti degli immigrati, che è la chiave della vera libertà e dell'integrazione" ed è con questo spirito che la FCEI ha aderito alla Campagna per i diritti di cittadinanza "L'italia sono anch'io" (www.litaliasonoanchio.it). Un'altra sfida è quella dell'accoglienza. A questo proposito Naso ricorda "il progetto della Tavola valdese, coordinato dalla FCEI e finanziato con i soldi dell'8 per mille valdese, che ha consentito alle nostre strutture di accogliere circa 40 profughi provenienti dal Maghreb giunti in Italia dopo la 'primavera dei gelsomini'. Sembrano piccoli numeri ma bisogna considerare che queste strutture non provvedono solo all'accoglienza, ma anche

all'accompagnamento in un percorso di integrazione sociale, di consulenza legale e di apprendimento linguistico". Infine, secondo Naso, l'ultima sfida è sul piano ecclesiologico, "poiché gli immigrati, che costituiscono circa il 15-20% dei membri delle nostre comunità, cambiano le nostre chiese, che diventano dei luoghi realmente interculturali".

Nella stessa conferenza stampa è intervenuta Briget Mah Fomundam, camerunense, presidente del concistoro della chiesa valdese di Pisa, nonché insegnante di inglese e francese nella stessa città. "Sono arrivata 16 anni fa con i problemi tipici di un'immigrata che vuole ricongiungersi al marito che già vive e lavora in Italia", ha raccontato Mah Fomundam. "Essendo riformata ho contattato la chiesa valdese di Pisa, che da subito è diventata un punto di riferimento importante, il vero trait d'union fra il mio paese d'origine e l'Italia, che ha consentito a me e ai miei figli di integrarmi nella nuova realtà". Conclude la conferenza Mah Fomundam con una considerazione sulla propria esperienza nella comunità valdese, che rappresenta un esempio riuscito di essere chiesa insieme, affermando che "è la chiesa che mi ha dato il senso della comunità qui in Italia, ed è la chiesa che ha sostenuto il mio percorso di integrazione".

Fonte: http://www.chiesavaldese.org/pages/archivi/index_comments.php?id=958 - 25.08.11

Così in Occidente nasce il nuovo Islam politico

È la comunità islamica, spiega il rapporto Caritas, la più numerosa (dopo i cristiani) tra gli immigrati in Italia. Una comunità che partecipa spesso anche alla vita dei Paesi d'origine. E proprio il prevalere nella nostra penisola, nelle ultime elezioni tunisine, del partito islamico permette di evidenziare un fenomeno importante su questa comunità e non solo. Ci dice una cosa: che il vero islam politico prenderà forma e si rafforzerà dall'Occidente.

Le comunità tunisine all'estero hanno dato un sostegno importante al partito filo islamico Ennahda. Dalla Francia, innanzitutto, dove risiede la più grande comunità tunisina all'estero (500mila persone secondo le stime): qui gli islamisti sono stati di gran lunga il primo partito aggiudicandosi 4 seggi su 10. Ma anche l'Italia non è stata da meno con 2 seggi.

Ciò la dice lunga sulla comunità islamica in Occidente e non meno su come sono andate le politiche d'integrazione verso questa comunità religiosa. La riscoperta delle origini – come insegna soprattutto l'esperienza francese – è un fenomeno complesso che ha avuto modo di elaborarsi scontrandosi con la società occidentale ospitante da almeno due decenni. Tuttavia una più forte tendenza in questo senso, evidenziata anche dall'affermarsi di un'attivismo associativo che è in qualche l'inizio di un cammino politico, ha una data ben precisa: l'11 settembre.

Da quel momento la comunità islamica in Occidente ha vissuto lo shock di essere identificata come il nemico in casa, con la conseguente rottura e disintegrazione del contesto sociale in cui viveva. Dallo shock si è poi passati per reazione e per difesa alla ricerca e all'approfondimento di quello che è l'Islam: una sorta di conforto identitario. La terza e ultima fase è stata quella dell'autorganizzazione politica. Che poi si è manifestata con chiarezza in queste elezioni tunisine.

Ma è proprio nella seconda fase, la più cruciale, che s'infiltra e trova linfa un l'Islam politico nuovo. Un Islam contemporaneo e cosmopolita che ha come modello la Turchia di Erdogan, passata dal vecchio e detestato impero ottomano al laicismo di Ataturk, per approdare a un Islam politico moderno, capace di dialogare e competere con l'Occidente. Tuttavia anche se il modello è un Islam "moderato", si nutre, dall'esterno, di ideologie tradizionaliste se non fondamentaliste (ex Fratelli musulmani, salafismo) e solo in una seconda fase viene rivisitato in una chiave più soft. Per cui non stupisce che attragga anche i più giovani. Non stupisce che questa religione non abbia subito il declino di relegarsi ai soli "vecchi".

Prendendo come spunto l'ultima ricerca sulle seconde generazioni di musulmani in Italia – realizzata dalla Makno di Mario Abis e dall'associazione Genemaghrebina – c'è un'ulteriore conferma: si rileva quanto questi giovani siano lontani dalla politica italiana ma vicini all'associazionismo islamico. Osama el Seghir, eletto in Tunisia dall'Italia in quota Ennahda, era il presidente dell'Associazione Giovani Musulmani in Italia.

Il voto islamico dall'estero, dunque, non è altro che una piccola istantanea di quello che è diventato la comunità musulmana in Occidente: una comunità orgogliosa. Orgogliosa della sua cultura identitaria e soprattutto della sua islamicità. È un Islam nuovo, con cui dovremo confrontarci in Occidente e da Occidente verso i paesi arabi. È senz'altro un movimento di Destra demoislamica che avanza. Ha una coscienza islamica molto forte, ma anche un sentimento democratico che bisogna saper comprendere e magari aiutare a crescere. Il rischio, invece, sarebbe se nel caos si lasciasse spazio ai movimenti islamici più fondamentalisti.

Fonte:

<http://karimamoual.blog.ilsole24ore.com/zmagria/2011/10/cos%C3%A2C-in-occidente-nasce-il-nuovo-islam-politico-.html> - 28.10.11

PORTUGUÊS

Multiculturalidade e religiões entre os imigrantes

Na coletiva de imprensa em que se apresentou ontem a mensagem do Papa para o próximo Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, foram fornecidos números de migrantes no mundo que revelam a tendência a sociedades pluriculturais e de diferentes religiões, cada vez menos homogêneas.

Em 2009, havia 38,5 milhões de imigrantes nos Estados Unidos, dos quais pouco menos de um terço era composto por mexicanos (11.478.234), o grupo mais numeroso no país. Seguiam três países asiáticos: Filipinas (1.733.864), Índia (1.665.055) e China (excluídos Hong Kong e Taiwan) (1.425.814). El Salvador é o país de origem de

outras 1.157.217 pessoas e o Vietnã, de 1.149.355. Da Coreia procedem 1.012.911 imigrantes e de Cuba, 982.862 pessoas (fonte: Perfil Estatístico da População Estrangeira nos Estados Unidos, 2009, do Pew Hispanic Center).

Portanto, os Estados Unidos, que tem maioria cristã, sobretudo protestante, acolhe não só católicos, mas hinduístas, budistas, muçulmanos, taoístas e confucionistas.

Na Federação Russa, da qual é mais difícil ter estatísticas detalhadas, os imigrantes chegam sobretudo do Cazaquistão (cerca de 1,9 milhão de pessoas, entre 1989 e 2007) e, com fluxo similar, chegam do Quirguistão, Tajiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão (fonte: Russian Federation, Country Profile, Focus Migration, n. 20, July 2010).

A Rússia é um país de tradição cristã-ortodoxa e é agora país de acolhimento de imigrantes muçulmanos dos países da ex-URSS.

Na União Europeia, o número mais elevado de imigrantes está na Alemanha, França, Reino Unido e Espanha (para todos os países europeus, as estatísticas citadas são as do International Migration Outlook, OECD-SOPEMI 2010, Table B.1.5. Stock of foreign population by nationality).

Em 2008, na Alemanha, havia uma população imigrante de 6.727.600 pessoas de diversa nacionalidade. Entre eles, os turcos eram os mais numerosos (1.688.400), seguidos por italianos (523.200), poloneses (393.800) e gregos (287.200).

Na Alemanha evangélica, residem agora católicos poloneses e italianos, ortodoxos gregos e muçulmanos turcos.

Na França, em 2006, os imigrantes eram 3.541.800, sobretudo portugueses (490.600), argelinos (481.000) e marroquinos (460.400), seguidos por turcos (223.600), italianos (177.400) e tunisianos (145.900).

Neste estado leigo, em que a maioria pertence à Igreja Católica, há agora muitos muçulmanos.

No Reino Unido, em 2008, de 4.196.000 imigrantes, os grupos mais numerosos eram

poloneses (500.000), irlandeses (359.000) e indianos (295.000), com uma notável presença também de paquistaneses (178.000) e franceses (124.000).

Chegaram católicos poloneses, irlandeses e franceses, indianos de maioria hindu, mas também muçulmanos, católicos e sij, além de paquistaneses de maioria muçulmana.

Na Espanha, tradicionalmente católica, chegaram 5.598.700 imigrantes, dos quais a maioria é formada por romenos (796.600), em sua maioria ortodoxos, marroquinos muçulmanos (710.000), equatorianos católicos (413.700) e cidadãos do Reino Unido, de maioria anglicana (374.600).

Na Arábia Saudita, os imigrantes em 2005 provinham sobretudo de: Índia, Egito, Paquistão, Filipinas, Bangladesh, Iêmen, Indonésia, Sudão, Jordânia e Sri Lanka (Fonte: World Bank, 2008, Migration and Remittances Factbook). Ainda que a maior parte é formada por países de maioria muçulmana, estão também a Índia, de maioria hindu, Filipinas, com maioria católica, e Sri Lanka, com 70% de budistas e 15% de hinduístas.

O próprio Sudão, de maioria muçulmana, está habitado por cristãos, que são um grupo numericamente relevante.

No Canadá, onde havia 6.187.000 imigrantes em 2006, o grupo mais numeroso provinha do Reino Unido (579.600 pessoas). Os laços históricos podem desempenhar um papel importante neste tipo de fluxo. Então, havia chineses (466.900) e indianos (443.700). Havia também filipinos (303.200), italianos (296.900) e americanos (250.500) (Fonte: Statistics Canada, 2006 Census of Population).

Também no Canadá cristão, além dos cristãos do Reino Unido e dos Estados Unidos, os católicos das Filipinas e da Itália, há imigrantes hinduístas da Índia, bem como budistas, muçulmanos, taoístas e confucionistas, sobretudo da China.

Fonte: <http://www.zenit.org/article-29126?l=portuguese> - 26.10.11

Igrejas e cultos brasileiros expandem presença em Londres

Igrejas e cultos brasileiros vêm expandindo sua presença na capital britânica nos últimos anos, segundo analistas e líderes religiosos ouvidos pela BBC Brasil.

Iracema Sodré

Só as igrejas evangélicas brasileiras em Londres já são mais de 80, de acordo com a Pastoral Alliance, que reúne pastores evangélicos na Grã-Bretanha,

e a estimativa não inclui a Igreja Universal do Reino de Deus, que tem 16 templos na cidade.

Na lista do Consulado do Brasil, há cerca de 50 diferentes denominações registradas.

"Enquanto nos anos 90 havia poucas igrejas evangélicas brasileiras em Londres, esse número vem crescendo rapidamente, com a maioria das igrejas tendo sido fundada no início dos anos 2000", diz Daniel Clark, pesquisador da University of Wales.

A Capelania Católica Brasileira, que começou a funcionar em Londres há 15 anos com apenas uma missa semanal em português, já celebra missas em seis igrejas espalhadas pela cidade, por exemplo. E basta olhar os classificados de uma das várias revistas destinadas à comunidade brasileira em Londres para encontrar também informações sobre centros espíritas e terreiros de umbanda e candomblé na capital britânica e seus arredores.

Religiões de origem amazônica, que utilizam o chá ayahuasca (ou hoasca) em seus rituais – como o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal e o Santo Daime - também estão presentes na capital britânica.

"É a exportação de uma cultura. Um dos temas culturais do Brasil é a diversidade religiosa e isso acaba se reproduzindo no exterior", diz Pedro Strozenberg, secretário-executivo do Iser, o Instituto de Estudos da Religião.

Missões

Segundo pesquisadores, após séculos como destino de missões religiosas, o Brasil começou, nos anos 80, a exportar igrejas e cultos junto com as levas de brasileiros que migravam para o exterior.

O Brasil pode ser visto como a maior nação católica do mundo, a capital mundial do espiritismo e o país com a segunda maior comunidade de protestantes praticantes - atrás apenas dos Estados Unidos em números absolutos - além de ser o berço de diversas outras crenças.

Hoje, a multiplicidade de credos vista no Brasil se reflete nos países em que a comunidade brasileira ganha peso.

"Em linhas gerais, o que acontece é que quase todo o campo religioso brasileiro se reproduz no exterior, mas não nas mesmas proporções em que existem no Brasil. O pentecostalismo, por exemplo, que cresce muito em termos de visibilidade no Brasil, se torna ainda mais visível no exterior", diz Paul Freston, professor catedrático em Religião e Política em Contexto Global da Wilfrid Laurier University, no Canadá.

Para a pesquisadora Christina Vital, professora de antropologia da Universidade Federal Fluminense, isso talvez possa ser explicado pelo sucesso das igrejas evangélicas em ajudar a solucionar

problemas frequentemente enfrentados pelos imigrantes brasileiros.

"As missões dessas igrejas são voltadas a proporcionar uma rede de proteção espiritual e material para pessoas que estão nas margens da sociedade. Isso também pode incluir a questão da ilegalidade para imigrantes."

Dinâmica religiosa

Paul Freston diz que as igrejas evangélicas brasileiras no exterior ajudariam seus fiéis a manter uma atitude positiva em relação ao trabalho duro que muitos deles têm de fazer, além de estabelecer redes de contato que ajudariam os imigrantes a encontrar lugares para morar e trabalhar.

As igrejas evangélicas também seriam muito mais rápidas em acompanhar a movimentação de brasileiros ao redor do mundo, principalmente as pentecostais.

"O catolicismo é mais lento para se deslocar. As igrejas evangélicas em geral têm mais facilidade, porque estão mais descentralizadas, são mais autônomas e abertas à iniciativa leiga. Elas acompanham com mais facilidade os movimentos populacionais", diz Freston.

Um exemplo disso é o Ministério Luz para os Povos, que abriu sua primeira igreja em Londres há apenas um ano.

Os pastores Olair e Anne Oliveira, que já faziam parte da igreja em sua cidade natal, Trindade, a 17 quilômetros de Goiânia, vieram para Londres em 2008.

Na capital britânica, eles frequentaram outras igrejas enquanto ele trabalhava como operário de construção e ela, como faxineira e babá, até que eles decidiram entrar em contato com a coordenação do Ministério Luz para os Povos na Europa e abrir uma igreja em Londres.

"Hoje, temos cerca de 40 fiéis frequentando o ministério. A maioria deles é de brasileiros, mas temos também portugueses, africanos e italianos", conta o pastor Olair.

Segundo os pesquisadores, a falta de dados concretos sobre a população brasileira no exterior – estimada em algo entre dois a três milhões de pessoas em todo o mundo, muitos deles ilegais – torna muito difícil estimar com precisão o número de frequentadores de cada um dos cultos e igrejas de origem brasileira.

"No Brasil, há o censo, que pergunta com que religião o entrevistado se identifica e com que frequência pratica sua crença. Sobre a comunidade brasileira em Londres, não temos dado nenhum.

Não se sabe universo total, nem com que religião as pessoas se identificam", diz Freston.

"Além disso, é um universo muito fluido, há igrejas fechando, enquanto outras surgem a todo momento."

Fonte:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/09/110826_igrejaslondresprincipal_is.shtml - 01.09.11

Política de imigração de Romney vai contra a de sua igreja

Enquanto pré-candidato à presidência assume posições duras para conquistar conservadores, mórmons defendem imigrantes em Utah

Laurie Goodstein

Enquanto Mitt Romney adota uma postura firme sobre a imigração, mesmo em um momento no qual a disputa pela candidatura republicana à presidência chega a Estados hispânicos, a Igreja Mórmon parece ter se tornado um fator decisivo em promover políticas que são mais "amigáveis" em relação ao assunto.

A igreja foi fundamental no ano passado na aprovação da controversa legislação do Estado de Utah que criaria um visto de "trabalhador convidado" para permitir que imigrantes ilegais já empregados permanecessem nos Estados Unidos. A igreja também apoiou a Compact Utah, uma declaração que apela para o tratamento mais humanitário dos imigrantes e condena as políticas de deportação que separam as famílias e que têm sido adotada por vários outros Estados.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é notoriamente relutante em ser vista como participativa em questões políticas. Mas quando o assunto é a imigração, a igreja tem ativamente pressionado os legisladores, enviando o Bispo H. David Burton para participar da assinatura de algumas leis e emitindo uma série de declarações cada vez mais explícitas a favor de permitir que alguns imigrantes ilegais possam permanecer no país e em seus trabalhos.

O endosso da Igreja ajudou a iniciar um debate sobre a imigração em um Estado republicano onde mais de 80% dos legisladores são mórmons. Foi um dos envolvimento mais evidentes da Igreja na política desde 2008, quando ela se juntou a outras igrejas conservadoras na campanha para aprovar a Proposição 8, que banuiu o casamento gay na Califórnia.

"Eles foram decisivos para que a legislação de imigração fosse aprovada", disse Ronald Mortensen, um mórmon que é co-fundador da Coalizão de Utah sobre a Imigração Ilegal, que foi contra a iniciativa. "Foi provavelmente a intervenção mais óbvia feita pela Igreja Mórmon em uma legislação. Eles são geralmente muito mais sutis."

Mórmons em Utah que preferem uma abordagem mais flexível em relação aos imigrantes dizem ter ficado incomodados ao ver Romney se juntar com uma grande parte de seu partido que é anti-imigração e com os membros do movimento conservador Tea Party. Romney rejeitou qualquer proposta de conceder cidadania americana para imigrantes ilegais, dizendo se tratar de "anistia".

Num primeiro momento, ele disse que vetaria o "Drean Act" (ato dos sonhos, em tradução livre), que oferece status legal para jovens imigrantes ilegais nos Estados Unidos desde que eles consigam um diploma universitário ou sirvam nas Forças Armadas. Mais tarde, ele reviu seu posicionamento sobre o assunto e disse que preferia dar o status de legal para aqueles que servissem nas Forças Armadas.

Em contraste, a Igreja Mórmon disse que qualquer reforma relacionada à imigração deve equilibrar os princípios de amar o próximo e manter as famílias intactas com o imperativo de proteger as fronteiras do país e fazer cumprir suas leis.

Oficiais da Igreja não fizeram nenhum esforço para discutir com Romney suas diferenças sobre o assunto e não pretendem fazê-lo, disse Michael Purdy, diretor de relações de mídia para a Igreja, que recusou dar entrevista, mas respondeu algumas perguntas por email. Dois funcionários da campanha de Romney não responderam vários emails enviados solicitando respostas para as perguntas.

Purdy, escreveu: "A posição da Igreja sobre a neutralidade política diz que os candidatos eleitos que fazem parte da Igreja dos Santos dos Últimos Dias devem tomar suas próprias decisões e não necessariamente estar de acordo uns com os outros ou mesmo com uma posição declarada pela Igreja publicamente".

Os mórmons defensores da imigração que conhecem Romney pessoalmente disseram que não sabiam qual era exatamente seu posicionamento sobre a questão. Eles observaram

que, quando ele serviu como um bispo mórmon e líder de área em Boston, na década de 1980 e 1990, ele dava sermões a imigrantes da Ásia e da América Latina. Mais tarde, ele teve que explicar o motivo de ter contratado uma empresa de jardinagem que empregava imigrantes ilegais.

Mas eles disseram que entendem que, para conseguir a indicação, Romney tenha de apelar para a ala conservadora do Partido Republicano. E eles disseram que pode ser positivo para ele demonstrar que consegue se separar da posição de sua igreja em algumas questões importantes.

Mark Shurtleff, procurador-geral de Utah e um mórmon que ajudou a redigir a Coalização de Utah, endossou a candidatura de Romney e recentemente participou de um evento com ele, mas não falou sobre a imigração.

"Gostaria de ter a oportunidade de me sentar com ele e explicar", disse ele. "Gostaria de falar para ele que a aplicação da lei é muito positiva e existem até mesmo questões de segurança pública envolvidas para apoiar o Pacto de Utah, além de ser a coisa certa a se fazer."

O principal rival de Romney para a nomeação republicana, Newt Gingrich, demonstrou uma certa flexibilidade sobre a imigração, mas também não está totalmente sintonizado com a sua Igreja Católica Romana. Bispos católicos apoiam o "Dream Act" e defendem a reforma da imigração, incluindo a cidadania americana para os 11 milhões de imigrantes ilegais do país; Gingrich disse que ele apoia apenas "metade" da "Dream Act" - a parte do serviço militar.

O Pacto de Utah foi concebido como um contra-ataque à lei de imigração rigorosa aprovada no Arizona, em 2010, que ampliou o poder da polícia para deter qualquer pessoa suspeita de estar no país ilegalmente. Os princípios do pacto exigem soluções federais para a reforma da imigração, políticas que defendam as famílias e mais liberdade individual, o reconhecimento da contribuição dos imigrantes para a economia e para que a polícia local se preocupe em lidar com crimes e não apenas com a implementação das leis de imigração.

Em Utah, a Câmara de Comércio e a Igreja Católica Romana foram os primeiros a defender o Pacto, mas depois de muitas discussões os líderes

da Igreja Mórmon eventualmente o apoiaram também, disse Shurtleff. A igreja tem enfrentado a ira de alguns dos seus membros, incluindo legisladores, que são contra o pacto.

Um dos primeiros oficiais do governo a ficar a favor da lei do Arizona foi Russell Pearce, um mórmon que serviu como presidente do Senado Estadual. Em novembro, Pearce foi substituído por Jerry Lewis, que também é mórmon, mas que era contra a lei de imigração. Mórmons no Arizona disseram que o apoio de sua igreja para o Pacto de Utah foi o ponto decisivo para eles na eleição.

A Igreja Mórmon tem vários de motivos para sua posição em relação à imigração: ela está ansiosa para ser vista de uma maneira positiva pelos hispânicos nos Estados Unidos, no México e na América Latina, onde está conseguindo novos fiéis, e se identifica com a experiência de ser um imigrante, tendo que fugir de uma perseguição antes de se instalar no Utah, e coloca um primeiro lugar o princípio de manter as famílias intactas, nesta vida e na próxima.

Paul Edwards, editor do The Deseret News, um jornal da igreja afiliada em Utah, disse: "Santos dos Últimos Dias, por causa de sua história de perseguição e pela maneira na qual estão sendo despojados de seus meios de subsistência e propriedades, tenham compaixão e compreensão" com os imigrantes.

Charlie Morgan, um sociólogo que estuda a imigração na Universidade de Brigham Young, uma universidade da igreja em Provo, disse: "Uma doutrina que separa a Igreja Mórmon dos outros é uma família eterna. Você se casa em um templo e você está comprometido a ele por toda eternidade."

A questão não é puramente espiritual. Estima-se que 70% dos latinos convertidos em Utah sejam imigrantes ilegais, disse Tony Yapias, diretor de um grupo em defesa da imigração, Proyecto Latino de Utah, que é mórmon.

"No ano passado tivemos alguns membros de alto escalão - um presidente de uma organização e outro de uma filial mormón - que foram deportados", disse ele. "As pessoas vivem com medo e, finalmente, existe um sinal de esperança para eles."

Fonte: <http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/nyt/politica-de-imigracao-de-romney-vai-contra-a-de-sua-igreja/n1597621973257.html> - 11.02.12

Haitianos no Brasil. Entrevista especial com Rutemarque Crispim

"A imigração vai continuar fazendo parte da cultura brasileira", assinala Rutemarque Crispim, pároco de Nossa Senhora das Dores, em Brasileia, no Acre.

Confira a entrevista.

A pequena cidade de Brasileia, localizada no Acre, faz divisa com a Bolívia e tem sido o destino inicial de muitos haitianos que migram para o Brasil. Depois de encaminharem a documentação para permanecerem oficialmente no país, eles viajam para outros estados em busca de trabalho e moradia fixa, pois o Acre não tem estrutura para mantê-los durante um longo período. “Lembro que, quando nós começamos a preparar a alimentação deles na cozinha paroquial, ficávamos angustiados porque passávamos um dia inteiro elaborando uma única refeição. Às vezes não tínhamos panelas para cozinhar o feijão. É desumano eles virem para o Brasil e não serem bem acolhidos”, relata Crispim à IHU On-Line, em entrevista concedida por telefone.

Padre Crispim recebe os haitianos desde janeiro de 2011, quando assumiu a Paróquia Nossa Senhora das Dores, e revela que um dos maiores desafios ao trabalhar com imigrantes é compreender as leis para orientá-los. Em sua avaliação, o Brasil continuará recebendo imigrantes nos próximos anos e precisa se preparar para acolhê-los. “Outro grande desafio é nos preocuparmos com o ser humano, porque às vezes somos tentados a ver os haitianos apenas como uma mão de obra barata. Temos de ter clareza de que eles sofreram bastante e de que vêm para o país com uma angústia muito grande, pois deixaram suas famílias no Haiti e precisam enviar dinheiro para elas. A imigração vai continuar fazendo parte da cultura brasileira”, conclui.

Rutemarque Crispim é pároco de Nossa Senhora das Dores, em Brasileia, no Acre.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Desde quando os haitianos estão migrando para o Acre e qual a situação dos que chegam a Brasileia?

Rutemarque Crispim – Nós estamos acolhendo os haitianos que chegam ao Acre desde meados de 2010. Os primeiros imigrantes que chegaram ao país tinham muito medo, pois, antes de virem para o Brasil, foram para países como o Peru, onde não foram bem recebidos. No primeiro contato que tive com eles, na praça de Brasileia, percebi que estavam assustados porque não sabiam o que iria acontecer com eles, especialmente porque não conseguiam se comunicar em função do idioma. Alguns falam inglês, espanhol e francês, e poucos brasileiros conseguiam compreendê-los.

IHU On-Line – Como acontece a passagem dos imigrantes pelas fronteiras da Bolívia e do Peru?

Rutemarque Crispim – Eles tentam migrar pelo Peru, mas como geralmente encontram a ponte fechada pela polícia, entram no Brasil pela rota boliviana, depois pegam um táxi e chegam ao país à noite, de maneira clandestina. Essa situação é bastante difícil, pois até chegarem ao Brasil alguns são assaltados e sofrem violência.

IHU On-Line – Quantos estão em Brasileia neste momento?

Rutemarque Crispim – Atualmente poucos haitianos estão no Acre, pois eles chegam aqui e em seguida encaminham a documentação para permanecerem no país, e migram para outros estados, em busca de trabalho. Hoje, existem menos de 40 haitianos no Acre.

IHU On-Line – Como a população de Brasileia reage diante da chegada dos imigrantes?

Rutemarque Crispim – A onda de imigração já teve várias fases. Como Brasileia faz divisa com a Bolívia, em 2008 a cidade acolheu os bolivianos refugiados políticos que foram expulsos de seu país. Brasileia sempre foi muito solidária no sentido de acolher o estrangeiro.

No entanto, quando os haitianos chegaram, a situação foi um pouco diferente, pois a população tinha medo e receio de serem contaminados por alguma doença, já que havia comentários de que os haitianos tinham cólera, HIV, bactérias. Queira ou não, a cultura brasileira é racista. De todo modo, foi possível acolher os imigrantes e as pessoas foram solidárias. A Igreja pediu ajuda e contribuição para as famílias, que doaram alimentos e roupas. Alguns haitianos chegaram sem nada, pois eram assaltados ao longo do caminho.

A juventude também foi bastante solidária; os jovens conversavam com os haitianos, principalmente aqueles que falam inglês. Eles queriam saber da cultura e dos problemas enfrentados no Haiti.

IHU On-Line – O governo do Acre distribui passagens para que os imigrantes possam ir para outros estados. Como o senhor avalia essa postura? O Acre tem condições de receber e abrigar os imigrantes ou um percentual deles?

Rutemarque Crispim – O Acre não tem estrutura para mantê-los no estado, pois os hospitais e postos de saúde são muito limitados e não há locais para hospedá-los. Lembro que, quando nós começamos a preparar a alimentação deles na cozinha paroquial, ficávamos angustiados, porque passávamos um dia inteiro elaborando uma única refeição. Às vezes não tínhamos panelas para

cozinhar o feijão. É desumano eles virem para o Brasil e não serem bem acolhidos. Então, a iniciativa do governo do Acre foi de grande valor para os haitianos e para algumas empresas que não tinham condições de pagar as passagens para seus futuros funcionários. Desde o início deste ano, as empresas que irão empregar os haitianos estão comprando as passagens para eles. Mandá-los para outros estados não é uma opção de repulsa nem de preconceito, mas uma forma de ajudá-los, porque eles querem trabalhar. A maioria deles quer mudar para São Paulo.

IHU On-Line – Como a Igreja tem se posicionado diante destas migrações e como tem atuado junto aos haitianos?

Rutemarque Crispim – Assumi a paróquia no ano passado, no dia 2 de janeiro. Em seguida, recebi aproximadamente 300 haitianos. Eu sabia pouco em relação a refúgio, à documentação. Então, tive que estudar para compreender como deveria agir diante desta onda migratória, porque, às vezes, queremos ajudar, mas podemos fazer algo errado. A Cáritas Diocesana nos ajudou muito, além de Pe. Raimundo, pároco de uma cidade vizinha. Ainda estamos aprendendo a lidar com os imigrantes e refugiados que chegam ao estado.

A estrutura da Igreja é pequena, e ainda não temos a Pastoral da Mobilidade Humana, uma pastoral dos imigrantes; neste mês queremos fundá-la. Como sabemos, haitianos, africanos, quenianos, bolivianos vão continuar entrando no Brasil pela fronteira com a Bolívia, e temos de ter uma estrutura para ajudá-los.

IHU On-Line – Quais são os maiores desafios de atuar junto dos imigrantes?

Rutemarque Crispim – O primeiro desafio é ter compreensão das leis, para saber como proceder com as pessoas que chegam ao Brasil.

Outro grande desafio é nos preocuparmos com o ser humano, porque às vezes somos tentados a ver os haitianos apenas como uma mão de obra barata. Temos de ter clareza de que eles sofreram bastante e de que vêm para o país com uma angústia muito grande, pois deixaram suas famílias no Haiti e precisam enviar dinheiro para elas. A imigração vai continuar fazendo parte da cultura brasileira. O Brasil é formado de imigrantes e continuará sendo. Por isso temos de amadurecer essa ideia de como acolhê-los da melhor maneira possível para crescermos como comunidade.

Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/507300-brasil-um-pais-formado-por-imigrantes-entrevista-especial-com-rutemarque-crispim> - 09.03.12

Migrantes católicos: portadores de esperança no mundo

Dom Vegliò às associações católicas: estar ao serviço dos migrantes

Roberta Sciamplicotti

Os migrantes católicos podem ser verdadeiros "portadores de esperança" no mundo de hoje e é por isso que as associações eclesiais devem colocar-se inteiramente ao seu serviço para ajudá-los a lidar com os inevitáveis desafios que lhes são apresentados.

Esta foi a mensagem do presidente do Conselho Pontifício para os Migrantes e Itinerantes, o arcebispo Antonio Maria Vegliò, durante um encontro com as organizações católicas em Amã (Jordânia), na última sexta-feira.

As associações católicas "podem ser uma ferramenta valiosa para dar aos migrantes não só o apoio material e espiritual para satisfazer as suas necessidades, mas também podem representar uma oportunidade para a partilha e para a doação", reconheceu Dom Vegliò.

"Um elemento da missão das associações católicas entre migrantes católicos é caminhar com eles para que possam se sentir parte da Igreja e se tornar membros maduros. A Palavra de Deus e os

sacramentos ajudarão a obter forças para viver plenamente sua vocação cristã."

Recurso precioso

"Se forem devidamente preparados e acompanhados, os migrantes católicos poderão ser verdadeiros e eficazes agentes de evangelização, mais com uma autêntica vida cristã que com palavras."

"A presença pastoral significa respeito, acolhimento, proteção, promoção e genuíno amor a todos, em suas diversas expressões religiosas e culturais - continuou. É um dom e um desafio. A dedicação a esta vocação e o compromisso com aqueles que são forçados a se mudar podem contribuir para um mundo melhor e mais humano."

Jordânia

O prelado se referiu depois à situação específica da Jordânia, observando que os trabalhadores imigrantes muitas vezes "não conhecem os seus

direitos básicos, nem aqueles relativos à legislação nacional e às normas internacionais".

No país, continuou ele, existem cerca de 500 mil refugiados do Iraque, "considerados visitantes temporários, sem um status jurídico claro", e que muitas vezes enfrentam dificuldades para renovar seus vistos.

Isto os leva a viver frequentemente "em situações de precariedade econômica, que aumentam os riscos de trabalho infantil e de prostituição" e a "perspectiva de ser forçados pelas circunstâncias a voltar a realizar um retorno 'voluntário' ao Iraque".

"É relativamente fácil analisar a situação de fora", admitiu o bispo Vegliò, mas "é completamente diferente quando os migrantes compartilham com vocês como os seus filhos ainda estão sofrendo com a violência e vivem com medo de acordar todas as noites; como se sentem ao viver por anos sem esperança de uma vida digna; como é a sensação de ser desumanizados e quanto dano causa não ser considerados como seres humanos", disse aos membros das organizações católicas.

Ação eclesial

Nesta situação, a Igreja e suas organizações devem "colaborar e desenvolver estratégias e ações conjuntas".

Muitas vezes, reconheceu o prelado, as organizações caritativas católicas "tornam-se dependentes de recursos não-católicos para o seu próprio financiamento".

Neste caso, observou que há um risco de que uma organização seja "dirigida pelo doador" em vez de ser "dirigida pela missão, (...) colocando em dúvida sua própria identidade".

A principal questão, concluiu Dom Vegliò, "é como se expressa a hospitalidade, a solidariedade e o compromisso pastoral da Igreja" em relação aos trabalhadores migrantes.

"É necessário, portanto, tomar medidas para assegurar que a Igreja local possa enfrentar este desafio de amor."

Fonte: <http://www.zenit.org/article-27540?!=portuguese> – 21.03.11

Santa Sé pede maior empenho contra perseguição religiosa

Nicole Melhado

A crise econômica, o cuidado com os imigrantes e a defesa dos direitos humanos, entre eles o de exercer a própria fé, são as maiores preocupações da Santa Sé atualmente. Estas preocupações foram destacadas pelo Secretário de Estado para as Relações Internacionais, Arcebispo Dominique Mamberti, no 28º Conselho Ministerial da Organização para Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), reunido na quarta-feira, 7, em Vilnius, na Lituânia.

O secretário para as relações internacionais salientou empenho da OSCE na defesa da liberdade fundamental e dos direitos humanos, entre eles o direito à liberdade religiosa que "apesar de ser repetidamente proclamada pela comunidade internacional, e nas Constituições da maioria dos estados, continua a ser amplamente violada hoje".

O Papa Bento XVI recordou em sua mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2011 que os cristãos são atualmente o grupo religioso que mais sofre preconceito e perseguição por causa de sua fé.

Segundo Dom Mamberti, "poderiam existir mais de 200 milhões de cristãos, de diferentes denominações, em dificuldade por causa das estruturas legais e culturais que levam à discriminação".

O arcebispo propôs a instituição de um dia mundial contra a perseguição e discriminação aos cristãos que poderia demonstrar a preocupação dos governos em enfrentar esta grave situação.

Imigração

Dom Mamberti afirmou que existe um consenso crescente na comunidade internacional sobre a necessidade de prestar maior atenção aos imigrantes, e assegurou que a reaproximação das famílias deve ser uma questão primordial.

"A família desenvolve um papel fundamental no processo de integração, dando estabilidade à presença dos imigrantes no novo ambiente social. Os imigrantes, conscientes dos próprios direitos, podem se sentir mais seguros na oferta de seus serviços e capacidades, enquanto a comunidade que os acolhe, bem informada e respeitando tais direitos, se sentirá livre para estender a própria solidariedade para construir juntos um futuro comum", disse o representante da Santa Sé.

Contra o tráfico de seres humanos

Por fim, o arcebispo salientou o grande problema que é o tráfico de seres humanos, especialmente os menores de idade e as mulheres explorados

sexualmente, e usados como mão de obra barata ou mesmo escravizados.

“Para opor-se à praga do tráfico de seres humanos com maior determinação e ter resultados mais concretos, é necessário uma convergência de esforços: uma meta centrada sobre a dignidade única de cada pessoa, a punição certa dos

traficantes e a luta contra a corrupção, usando os meios de comunicação de massa para propor uma reflexão dos dados causados por tal tráfico”, enfatizou o secretário de estado.

Fonte: <http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=284529> – 08.12.11

Refugiados: desafio para igreja e sociedade

“Fechar as fronteiras não é a resposta”

A figura do refugiado, de quem ontem se comemorou o dia mundial, interpela a Igreja e a sociedade, pois requer a busca e a implementação de soluções justas e de longa duração.

Esta foi a reflexão de Dom Antonio Maria Vegliò, presidente do Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, em uma entrevista concedida à Rádio Vaticano, na qual elogiou a ação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), do qual este ano se comemora o 60º aniversário de fundação.

“A própria existência desta organização internacional indica que a situação dos refugiados continua sem ser resolvida – observou o prelado. Na origem, o ACNUR havia sido criado com mandato trienal. No entanto, foi se renovando e há alguns anos se tornou uma organização permanente.”

Os problemas que ele enfrenta, explicou, “estão em contínua evolução e os desafios do seu mandato se tornam cada vez mais amplos”. Nascido para lidar com os 19 milhões de deslocados europeus antes de 1951, o ACNUR posteriormente estendeu seu mandato aos refugiados húngaros durante a revolução de 1956, e depois aos refugiados do mundo inteiro.

Por isso, “a Assembleia Geral das Nações Unidas ampliou seu rádio de ação a categorias de pessoas não protegidas, como os apátridas e as pessoas deslocadas por conflitos militares ou por violações dos direitos humanos”.

“Infelizmente, há novos desafios batendo à porta”, sublinhou o prelado, citando como exemplo “as pessoas que devem deixar seu próprio país por motivos climáticos” ou os chamados “refugiados urbanos”, pois um número cada vez maior de refugiados, atualmente quase a metade, se desloca às cidades, “onde as pessoas se tornam invisíveis e se mimetizam entre os outros, especialmente nos bairros pobres”.

Ação eclesial

Dom Vegliò recordou que a Igreja está presente entre os refugiados e os deslocados de muitas formas: “há sacerdotes e freiras que estão em contato direto com as pessoas nos campos de refugiados e às vezes o bispo atende o campo como uma verdadeira paróquia”; “diversas congregações religiosas trabalham diretamente, enquanto outras colaboram com o Serviço dos Jesuítas aos Refugiados (Jesuit Refugee Service)”; também são muito ativas as Cáritas, “tanto no âmbito diocesano como nacional”, bem como a Comissão Católica Internacional para as Migrações (ICMC - International Catholic Migration Commission), “especializada na reinstalação dos refugiados em terceiros países”, e que leva adiante também “diversos projetos socioeconômicos, como o microcrédito”.

Entre as principais preocupações do dicastério que ele preside, Dom Vegliò sublinhou a situação das crianças que vivem nos campos de refugiados, “muitas das quais não conhecem outra realidade porque nasceram e cresceram neles”.

A respeito disso, citou como exemplo a Tailândia, onde 150 mil pessoas vivem como refugiadas há 20 anos; o leste da República Democrática do Congo, “onde existem mais de 1,7 milhão de deslocados devido à guerra”; e o Sudão.

“Em Darfur, centenas de milhares de pessoas ainda vivem nos campos de refugiados e não é claro o destino de muitos do Norte que agora se encontram no Sul e vice-versa. Adotarão a nacionalidade da nova nação? Terão ainda o direito de ser cidadãos do Sudão? Além disso, o Sudão do Sul deverá enfrentar a volta de um altíssimo número de pessoas do Norte do país. O processo de sua integração representará um grande desafio.”

Acolhimento

“Um desafio notável – prosseguiu – se apresenta no Norte da África, especialmente na Tunísia, no Egito e na Líbia.”

“É uma tragédia que estas pessoas tenham de escapar em embarcações que frequentemente afundam e as fazem perder a vida – declarou. Hoje, com a disponibilidade de meios eletrônicos sofisticados, a União Europeia deveria ser capaz de velar por estas embarcações e alcançá-las para prestar-lhes assistência, antes de que se encontrem em dificuldade e acabem naufragando.”

“Fechar as fronteiras não é a resposta”, acrescentou.

Por sua vez, o alto comissário Antonio Guterres recordou que, ao analisar a situação dos refugiados, quase 44 milhões no mundo, existem dois fatores centrais a ter presentes.

“Antes de tudo, em 2010 tivemos o número mais alto de refugiados e de deslocados dos últimos 15 anos, e isso devido tanto às numerosas crises

novas que surgiram como às velhas guerras que não encontram um fim – explicou. O segundo fator muito importante é que existe a impressão errônea de que é o mundo industrializado que acolhe a grande maioria desses refugiados, quando, no entanto, 80% deste número se encontra nos países em vidas de desenvolvimento.”

“A única política que pode ser realizada é a de manter as fronteiras abertas”, comentou.

Onde chegam embarcações com migrantes e refugiados, acrescentou, o procedimento deve ser a garantia do acesso a todos. “Quem tem direito de asilo deve ser acolhido, enquanto os demais podem ser devolvidos no respeito ao direito internacional.”

Fonte: <http://www.zenit.org/article-28273?l=portuguese> – 21.06.11

ENGLISH

Combating Islamophobia in Florida

An Interview with Muhammed Malik

This interview is part of the Young Muslim American Voices Project, a project launched in 2009 by the Faith and Progressive Policy Initiative that seeks to strengthen the voices and visibility of young Muslim-American leaders.

Eleni Towns

Muhammed Malik is a 28-year-old Kashmiri-American human rights advocate, social commentator, and nonprofit consultant who was born and raised in Miami, FL. A former executive director of council on American-Islamic Relations (South Florida), Muhammed also worked at the ACLU Florida, coordinating its work through the Racial Justice and Voting Rights Projects.

Muhammed is a founding partner of the Black Mangrove Collective, co-producer of Miami's acclaimed "Let's Talk About It" weekly radio show (880 AM), and serves as a board member of South Florida Interfaith Workers Justice, No More Tears, and the City of North Miami Beach's Multicultural Affairs Commission. He speaks regularly at universities, places of worship, and conferences, and he's been featured by various media outlets including Al Jazeera, CNN, NPR, Democracy Now, The Miami Herald, and The Sun Sentinel.

Eleni Towns: Muhammed, I'd like to start by asking how you got involved in immigration issues.

Muhammed Malik: It came from my own understanding and going through the Koran. Historically, Muslims have been battered by war and forced to move from place to place. Many of

the early Muslims were refugees or seeking political asylum. Today we have Muslims from Bosnia to Palestine fleeing war and coming to this country. The narrative is embedded in our scripture. The first Muslims to come to this country were African Americans who came as slaves, as migrants.

E: You recently worked with a large coalition to defeat an anti-immigration bill in Florida. Can you tell us about the bill and what was at stake?

M: In Florida, just like in Georgia and other states, there was an attempt to pass an Arizona copycat bill. The bill would've given local police officers enforcement powers to carry out federal immigration laws. Officers patrolling the streets could've stopped anyone who looked "suspicious"—maybe because they didn't speak English well or had a foreign-sounding name. This kind of broad, sweeping power is dangerous and leads to racial profiling. Also it builds mistrust and makes communities less safe because residents are afraid to report crimes to the police.

The bill would've also had a harmful economic impact. Florida is a tourist state. We really love and need our tourist dollars from Japan, the Middle East, Latin America, and all around the world.

People especially come to Miami and Disneyland. Businesses understood that tourists, including a lot of international tourists, would've been scared to visit. And small business would've been especially hurt—mothers and fathers trying to provide for their kids and pay their mortgage.

For some in our coalition, it was economic concerns. For others, it was public safety or racial profiling fears. But across the board—rich, poor, white, or brown—people were engaged.

E: The coalition created the We Are Florida campaign, which gathered all these communities and voices together.

M: We Are Florida was a breath of fresh air. Numerous groups statewide—Florida Immigration Coalition, Recount, ACLU Florida, Interfaith Workers Justice—came and worked together.

Campaigns like this take preparation and infrastructure, so it was important that we got started early and were prepared. You must anticipate threats that could come in any form—like an anti-Sharia bill. Florida Immigrant Coalition took the lead. We had a series of early convenings where people broke down in groups to discuss the campaign at the grassroots level, the state policy level, and communication strategy.

The communication strategy was especially successful. We Are Florida was a branding campaign that was positive and represented a Florida that believes in justice and dignity. For example, on the website we used images of oranges, which resonates with the agriculture business, day laborers, and citizens who see oranges as a staple of Florida. Everybody loves orange juice.

E: What was the process for your communication strategy? Did you test messages?

M: We first established principles of the campaign and in early meetings determined the issues we care about. The communication strategy emphasized these principles: equality, equity, fairness, and justice.

Then the job was to get the message out. We did this through demonstrations, grassroots lobbying, teach-ins, study-ins, children's marches—even delivering baskets of vegetables to legislators as they walked into their chambers. We provided lots of opportunities for action.

Social media also played a role. Through Facebook, Twitter, and email listserves, we could do rapid response, post articles, network activities, and events—and work in real time.

On our campaign listserve, participants were updated across the state on what was happening that day, or what just happened in a meeting or event.

Another important piece was the role of Spanish-speaking media, which was absolutely critical to our success. We could speak to the international community and to Latino communities within Florida. Spanish-language media understood the importance of this bill.

It was such big news in the state that we didn't have to buy ads. You could go to the cafeteria and hear people talking about it in line at the grocery store. You would hear a woman talking about it on her cell phone.

E: How were faith groups involved in these efforts and what value did they bring?

M: The interfaith community was critical to the campaign. Christians and Latino churches mobilized people and organized buses to Tallahassee. They held group prayers and lobbying sessions. In Central Florida an imam went door to door in his neighborhood to gather signatures against the bill.

Clergy spoke from the pulpit with a moral message. You can have advocates talk about the legal and technical aspect of the bill, but when people of faith speak about the violation of our dignity as a sin, it has a large impact.

Faith messaging wasn't the official message of the We Are Florida campaign but it was an important part of the outreach. And we had unlikely allies, including conservative evangelicals who were moved by the universal principles of equality and justice, to come together in the campaign.

One great moment occurred during a critical budgetary hearing, when folks spontaneously came together and started to pray. They didn't do it to create a spectacle but because they needed the Lord's help. I think this had an impact because it spoke to the consciousness of the legislators. It is one thing to have an advocate offer talking points, but it is another thing to see people praying. Legislators are reminded of moments when they sought the Lord's help.

In general, the involvement of faith leaders really depends on how well organizations are connected to faith communities, and how ready faith communities are to get involved in political issues.

In many Muslim communities, you have a double-edged sword. Many Muslims wanted to get involved in our coalition and fight against racial profiling and

anti-Sharia legislation but were scared and frightened.

E: How were Muslim American communities involved in these campaigns?

The Council on American Islamic Relations was very involved in the We Are Florida campaign. I spoke in mosques, and Muslim citizens spoke to their legislators. In many ways the concerns in the Muslim community around the racial profiling bill were more pronounced because of the overlap between immigration and counterterrorism policies. There was thus a lot of Muslim involvement in the campaign.

At the same time, because of the anti-Sharia legislation, there was heightened concern. Remember, this all comes in the context of mosques being bombed in the past year, the Koran burner, and more. Florida has been described by many as the most Islamophobic state in the country.

In a very interesting way, however, I think there is a positive movement coming out of this. Ever since 9/11 the Muslim community has been shell-shocked. There has been a visceral fear of getting involved in anything “political.” Some people even felt scared to have a congressperson come into the mosque to speak about their vision and platform.

But our community has started engaging more. The voting rate has increased. Institutions have grown, and I think a lot of it is a direct outgrowth of these attacks. I look at how people are talking about things they never talked about before, like the need to study social sciences and understand public policy. I work a lot with our youth, and parents used to say, “Go to medical school. Don’t get involved in political things.” Now they’re telling their kids to take internships in D.C.

E: Is there fear that the anti-Sharia legislation will pass in Florida?

M: In some other states it’s a different thing, but in Florida I don’t think it will pass.

It is important to say that the anti-Sharia bills are a rabid expression of Islamophobia. But these are things we see periodically when election season comes.

In 2010 we had the “Ground Zero masjid” controversy and proposed Koran burning. It is not a coincidence. Every couple of years it happens.

What I am glad to see is that the Muslim community is becoming more sophisticated and talking about these election cycles as opportunities. What are

ways we can build new alliances? What are ways we can head off the bad efforts from the past?

E: What is next in Florida? What are you most concerned about and what gives you hope?

M: We Are Florida still exists, and we have battles coming up. Our two priorities are the prison industrial complex and the 2012 elections. Contractors want to build prisons and detention centers in Florida. We need to get communities together to push them back. We also need to look ahead. What is going to happen in 2012? Are anti-immigrant bills going to resurface? We are planning to engage in cross-cultural, cross-religious dialogues to ensure that this won’t happen.

What gives me hope is our recent success in defeating Florida’s anti-immigrant racial profiling bill. But we have a long way ahead of us.

To pass comprehensive immigration reform, we need to first take care of this reactionary political environment. A big part of that will require better communication strategy among progressives. With the We Are Florida campaign, we saw how communications was a key to success. I think the same will be true nationally. For comprehensive immigration reform to succeed, we need a different political environment.

Right now a priority should be to halt deportations, particularly among DREAM Act students. That is something that could be workable now, even given the climate we are in.

E: To switch it over a little bit, I know you are a student of liberation theology (a Christian movement in political theology that interprets the teachings of Jesus Christ in terms of a liberation from unjust economic, political, or social conditions). How have your faith and your studies of other faiths influenced your work?

M: I lived in Georgia for four years and went to a Christian boarding school. Then I lived in a Jewish community. I grew up as a Muslim, and I was very involved in the community my entire life. Social justice has always been a very important aspect of our lives. My family was involved in the civil rights movement. And so when 9/11 happened—just like many Muslims—the first thing I did was look to my faith to try to understand this new reality.

When I started to read the text and relate it to my life, I began to understand how social justice is an inherent impulse not only within Islam but within Christianity.

When I was a student at Florida International University, I studied liberation theology and read

Gustavo Gutierrez, Oscar Romero, and Reinhold Niebuhr. I saw a singular thread that ran through everything. I saw Malcolm X, for example, who I guess in Muslim American history is a primordial liberation theologian. Martin Luther King was a liberation theologian in that he got his inspiration from his religion and saw how religion directly related to the social and economic conditions that strangled folks who were trying to make ends meet.

It's interesting because after 9/11, when people would talk about jihad, I felt like this word—which is very important to our faith—somehow either became apologetic or got hijacked by reactionaries. I began to take back certain words.

Jihad is an internal struggle to achieve certain values such as honesty and forthrightness, which are qualities that many different religions teach.

Migration offers opportunity for growth, mission, say speakers in Rome

Cindy Wooden

While migration brings struggles for the migrant and the host country, in the long term it provides opportunities for stability, cultural enrichment and religious growth, said speakers at a Rome event sponsored by the U.S. Embassy to the Holy See.

U.S. Ambassador Miguel H. Diaz, a Cuban-born theologian, told the audience that while balancing humanitarian and legal concerns is a challenge for modern states dealing with migration, "by finding ways to integrate migrants, communities can become stronger than before. The experience of migration can be an opportunity to embrace positively human diversity."

The ambassador led a panel discussion, "Building Bridges of Opportunity: Migration and Diversity" March 8 at the Pontifical North American College; the discussion brought together Vatican officials, experts on migration, other ambassadors, students, priests, religious and people working with immigrants.

Diaz opened the discussion by commenting on the biblical story of Abraham and Sarah welcoming three strangers, who turned out to be God's messengers. The story, he said, "suggests the challenges and opportunities that come with encountering strangers and the ethical responsibility to share life-sustaining resources."

Archbishop Silvano Tomasi, the Vatican observer at U.N. agencies in Geneva and at the International Organization for Migration, told the conference,

I see jihad also as an external struggle against certain forms of institutional sin—cleansing your environment of racism and poverty, for instance.

I think there are a lot of younger folks beginning to interpret the Koran and seeing how it fits with the empirical reality they live in and with the principles they are taught.

E: Thank you so much for speaking with us today, and thank you for the great work you are doing in Florida.

M: Thanks a lot.

Fonte:

http://www.americanprogress.org/issues/2011/06/malik_interview.html - 16.06.11

"The church sees migration as a resource for development, a positive phenomenon.

"In the long experience of the church, migrants are a contribution (to society); they bring something positive, constructive, even though they take the dirty and difficult and dangerous jobs in society, they bring themselves, their tradition, their identity" to a new land.

Archbishop Tomasi also said that throughout history, migrants brought Christianity to new lands. Even today, he said, Catholics from the Philippines, India and Sri Lanka are founding parishes in the Gulf States where they have migrated for work.

In North America and Europe, he said, "the missions are now coming to us." While Catholic missionaries used to set off for Africa or Asia, now Africans and Asians are immigrating, giving every North American and European Catholic a chance to witness to the Gospel through a warm welcome, concrete assistance and introductions to the Gospel message.

"The first right of people is the right not to be forced to migrate," he said, but given civil unrest, climate change and the global economy -- and not just during the current crisis -- people do and will continue to feel they have no choice but to seek safety and a better life abroad.

"These people aren't tourists," he said. At the root of migration, there is the relationship between poor countries and rich countries. "As long as the disproportionate gap exists between rich countries

and poor countries, we will have continuing migration."

The archbishop said that while migration always benefits a host country in the long term, the difficulties of welcoming and integrating newcomers with different languages, cultures, habits, religions and lifestyles are immediate and local, which makes placing heavy restrictions on migration a popular position for politicians running for office every four or six years.

Cardinal Gianfranco Ravasi, president of the Pontifical Council for Culture, said education -- both in schools and in religious education classes -- is a key to helping people recognize the human dignity of migrants and the cultural richness they can bring.

In many parts of Europe, he said, there is a fear of the growing number of Muslim immigrants and a sense that somehow Europe is being challenged to give up some of its Christian traditions and culture to make space for them.

As Christians and Muslims meet in neighborhoods across Europe, he said, there will be no real dialogue, no dynamic sense of cultural diversity unless Christians start taking their own faith seriously.

In several Italian towns, politicians have been fighting court cases brought by Muslims or atheists to remove crucifixes from school rooms and other public buildings. But, Cardinal Ravasi said, many of those towns "are pagan," because the townspeople "defend the idea of their faith, but don't practice it."

In too many parts of Europe, he said, Christianity is part of the local folklore and dictates the town feast, but has nothing to do with the daily life of its residents.

"Europe is in difficulty with Islam because it has lost its identity, its Christian face," he said, and without a sense of identity on both sides, dialogue is impossible.

Fonte: <http://www.catholicnews.com/data/stories/cns/1200951.htm> - 08.03.12

Immigration Reform Is Our Jewish Responsibility

What the President Should Do, and How We Can Help

Gideon Aronoff

President Obama recently announced his recommitment to achieving comprehensive immigration reform, a term that has become shorthand for legislation to fix the country's broken immigration system. We — as Americans and as Jews — have a special responsibility to help him achieve this goal.

We should praise the president's message and this initiative, but we also should make sure that Obama and members of Congress follow through. As Jews, we should promote policies that fulfill the Torah's mandate to "welcome the stranger because we were strangers in the land of Egypt." We have a long history as a people of migration, and we know that generous and effective immigration policies have often made the difference between life and death, between grinding poverty and the opportunity for success.

Immigration not only built our country, but also saved the lives of millions of Jews who fled dangerous places such as czarist Russia and Europe through World War II. It has allowed our community to thrive. We know that addressing the issue of immigration with courage, wisdom and compassion can result in better integration of newcomers who can become fully American and contribute to this country's diverse cultural mosaic.

What is not an option is maintaining an immigration system that fails to meet our economic, national security, foreign policy and humanitarian needs. The current de facto "illegal immigration system" has resulted in some 11 million undocumented immigrants living in the shadows without legal status, vulnerable to harassment and exploitation and fearful of being arrested at all times. The problems are legions: thousands of deaths along the American-Mexican border; family visa backlogs; punitive laws that needlessly separate families, and scarce or nonexistent legal channels for employers seeking to employ foreign workers. The status quo benefits only smugglers, document forgers and unethical employers. Ultimately, smarter use of enforcement resources, and a rational relationship between available visas and jobs, will make us more secure and encourage the hard work and entrepreneurial energy of new immigrants, which is crucial to restoring and sustaining our prosperity as Americans.

In today's harsh, polarized political climate, it will be more challenging than ever to find the common ground needed to craft fair and effective immigration reform. But, remembering our responsibility to seek justice, the Jewish community can join together with allies to change the nature of

the immigration debate, now simple sloganeering, to a bipartisan national consensus. We need to educate and organize within the Jewish community, advocate to government officials with whom our community has developed close ties over other issues and seek to make common cause with partner communities.

We have already started to strengthen our ties with the Latino community, the fastest-growing minority in the United States. As this strategic alliance of mutual support forms, immigration is a natural connector. At some point, however, dialogue alone will not be enough; true partnership will depend on concrete joint action.

When we at Hebrew Immigrant Aid Society, along with a broad array of other groups working on immigration issues, met recently with Obama, the president reiterated his deep disappointment that congressional action on reform had stalled and that the DREAM Act failed to pass the U.S. Senate, despite making it through the House with a bipartisan majority last December. The DREAM Act would have provided undocumented children brought to the United States more than five years ago with a six-year path to a green card if they

graduated from high school and continued on to college or American military service.

Jewish, Latino and other advocates from around the country will be rallying, protesting and calling for legislation that speeds family reunification; creates pathways to citizenship for undocumented immigrants, particularly immigrant children, and empowers immigrants to fully integrate into American society. These actions demonstrate that immigration reform is a civil rights issue worth fighting for as Americans and as Jews, and is a reminder for all of us that the push for immigration reform is at its core about fairness and who we are as a people.

Ultimately, changing our immigration system is not just about how we treat people in this country; it is also about honoring our history and what immigration to the United States has meant for us. As Americans, we must ensure that we are an inclusive nation, not one defined by fear and isolation. And as Jews, we must remember that we are commanded to welcome the strangers — not because they are Jews, but because we are Jews.

Fonte: <http://forward.com/articles/137860/immigration-reform-is-our-jewish-responsibility/> - 17.05.11

Religion leaders see immigration as 'God's call'

A Unitarian church in New Mexico sends supplies to the border for recent deportees. A coalition of church leaders gathers under a statue of colonial America religious figure Anne Hutchinson at the Massachusetts Statehouse to denounce immigration checks by police. A Methodist minister in Texas recites Isaiah 58:6, a passage about loosening the bonds of injustice, as she's thrown in jail after protesting alongside illegal immigrant students outside a U.S. senator's office.

As some states pass laws aimed at cracking down on illegal immigration and federal lawmakers balk at passing any immigration reforms, religious leaders from various denominations are jumping into the debate. They're holding rallies, walking in the Arizona desert, gathering testimonies from immigrants. The leaders fast, get arrested, and sometimes put their own health on the line in an attempt to draw attention to what they see as inhumane treatment of immigrants and to the laws that target them.

"Some of us feel very strongly about this," said Rev. Peter Morales, president of the Unitarian Universalist Association, who was arrested last year with immigrant advocates in Arizona for

protesting Arizona's much debated, tough immigration law. "It's a humanitarian issue."

From New York to Utah and across denominations, religious leaders have used their positions from the pulpit in an effort to influence legislation or rally church members in protest. Earlier this year, for example, more than 20 religious leaders and officials with church-operated charities in Alabama spoke out against a stringent new anti-immigration law that they said would block them from providing food, shelter and transportation to the poor.

Meanwhile, the Rev. Angela Herrera, an assistant minister with the First Unitarian Church of Albuquerque, helped organized her members and other religious leader in successful rallies against an effort by New Mexico Gov. Susana Martinez to overturn a state law allowing illegal immigrants to obtain drivers' licenses.

And last year, St. Leo's Catholic Church in Queens, N.Y. sent Sen. Chuck Schumer, D-N.Y., testimonies from more than 230 people asking for immigration reform. It was one of many Catholic churches around the country that pushed immigration reform.

"Immigration is a God event." said Rev. Lorenza Andrade Smith, the United Methodist pastor who was arrested outside of the offices of Sen. Kay Bailey Hutchinson, R-Texas.

Many religious leaders point to immigration stories in the Bible as personal reflections that influence their calling to push immigration reform.

Christopher C. Hope, the reach-out now director of Pentecostal Tabernacle, a church located between Harvard and MIT in Cambridge, Mass., said he often points out that Jesus and his family had to emigrate to Egypt from Israel to avoid death by King Herod, and God ordered the Israelites that "the stranger who sojourns with you shall be to you as the native among you."

There's also a practical reason for churches to embrace immigrants and immigration reform: the influx has helped revive some churches.

Bishop Brian Greene, senior pastor of Pentecostal Tabernacle, saw his church grow from less than 50 members to close to 400 in 10 years after the church began recruiting immigrant students and scholars. The sojourner is a hot topic, he said.

Hope said the church helped convince the city of Cambridge and some Massachusetts schools and colleges to publicly support the DREAM act — a stalled federal proposal that would allow illegal immigrant students a pathway to citizenship through college and military service.

But Greene said the church has to be careful since many of his members are legal immigrants who have gone through a long process to stay in the country, and they are now living apart from their families. He doesn't want to advocate too much on one side of an issue and risk alienating some members. "It's important to listen to both sides," he said.

Still, some advocates for tougher immigration restrictions say that the views of some religious leaders may run counter to those held by members of their congregations. They point to a 2009 Zogby poll that found that 64 percent of mainline Protestants support enforcement measures that encouraged illegal immigrants to return to their native countries, while only 24 percent support conditional legalization.

Smith said that shouldn't matter.

"Just because you're in the majority doesn't make it right," said Smith, who recently shared her work among immigrants with a group of United Methodists at an Albuquerque conference. "There are laws but there are also laws that are unjust. I'm trying to communicate the love of God. So if I see that a law is not communicating the love of God, I will speak out."

Greene said the public popularity of any political stance doesn't mean it triumphs God's word. "To me, it's about, what does the word say?" he said.

During a recent church service at the First Unitarian Church of Albuquerque, member Kristine Olson, 59, hosted a table with books on the borderlands and collected supplies for immigrants who had recently been deported. Olson said she and other members were planning a trip to Mexico to personally give hygiene products to the immigrants who had been separated from family. "Our way of worship is through service," she said.

Smith said it's important to meet church members where they are in their faith and not push too hard.

"But I am called to do this," said Smith. "And I have to be obedient to God's call."

Fonte:

<http://online.wsj.com/article/APf4ae06b4f70f465c954065a073621045.html> - 29.10.11

Catholic social teaching must inform immigration debate, says LA archbishop

Benjamin Mann

At a conference on U.S.-Mexico relations on March 21, Archbishop Jose H. Gomez of Los Angeles explained that the Catholic Church's social teaching can provide essential guidance on the question of immigration, and other dilemmas presented by a globalized economy.

The Mexican-born archbishop, who is also a U.S. citizen, addressed participants gathered at the Catholic University of America in Washington, D.C. for a conference on the Church's role in the immigration debate.

He encouraged audience members – including Mexico's ambassador to the U.S., Arturo Sarukhan, and the U.S. Assistant Secretary of State Eric Schwartz – to consider both the large-scale economic factors driving immigration, and the rights and needs of individuals caught up in these economic changes.

"Globalization has expanded opportunities for businesses and for workers," Archbishop Gomez acknowledged. "But it has also created new problems in the relationships between our nations."

“The biggest problem is that while we have developed laws and policies to govern the flow of capital and money, we have no standards for the movement of laborers.”

“Money, capital, and other resources now flow more freely between our nations,” he noted. “But human beings — the men and women who do the work — cannot.”

Archbishop Gomez also spoke frankly about the need to deal realistically and humanely with the reality of unauthorized immigration.

He emphasized that he was interested in the immigration question not primarily as a matter of politics or diplomacy, but as a spiritual and moral issue affecting millions of people.

“I am not a politician or a diplomat or an expert in the global economy,” said the archbishop. “My concern is to be faithful to the Gospel of Jesus Christ, and to defend and promote the dignity of the human person who is made in the image of God.”

He spoke eloquently of the spiritual toll that immigration often takes on those who lack opportunities in their homeland but are exploited or even hated in their new country.

“It gets harder every day to hold onto your cultural identity, your moral compass, your religion, your dignity,” he observed. “You start to believe what people say about you — that you are no good.”

Archbishop Gomez went on to propose a series of measures to address the root causes of immigration, while respecting the human needs and rights of those who have entered the U.S. illegally.

Many aspects of the problem, the archbishop said, arose from underdevelopment within Mexico — a problem that has no instantaneous solution, but demands urgent action.

“We need to find ways to target economic development,” he said, “so that far fewer Mexicans

will feel compelled to leave their homes to seek jobs and money in other countries.”

Archbishop Gomez also indicated that the prosperity of nations and transnational corporations must not be placed above the good of the individuals who make such prosperity possible. He strongly urged his fellow U.S. Catholics to consider the human dignity of immigrants, even as they seek to ensure the rule of law.

“Our current policies of enforcement — detentions, and deportations — are a humanitarian tragedy,” he stated. “We are destroying families in the name of enforcing our laws.”

He pointed out that a nation's immigration laws, however important, could not be given absolute priority over the bonds of family — which precede the state itself, according to the natural law.

“Practically speaking,” he stated, “I would like to see a moratorium on new state and local immigration legislation. And, as the U.S. bishops have called for, I would like to see an end to the severe deportation policies.”

Archbishop Gomez also noted that children and women are the “most vulnerable migrants,” who “often fall prey to unscrupulous traffickers” and others seeking to exploit or harm them. He urged policymakers to consider the safety of these populations, and also to remember the needs of all immigrants who are seeking to be reunited with family members by attaining a U.S. visa.

“All of these measures,” said the archbishop, “would make a real difference in the lives of millions of people.

“But they are only temporary,” he noted. “We need to muster the political will to fix our broken immigration system.”

Fonte: <http://www.catholicnewsagency.com/news/catholic-social-teaching-must-inform-immigration-debate-says-la-archbishop/> - 23.03.11

Jewish and Muslim leaders join forces to combat xenophobia

Russian and Ukrainian Jewish and Muslim leaders meet in Kiev to discuss rise in Anti-Semitism and Islamophobia as part of month-long European efforts to heighten awareness and fight racism, extremism and discrimination.

Shlomo Shamir

80 leading Jewish and Muslim leaders from across Ukraine and Russia met in Kiev on Thursday May 12, pledging to work together to fight a rising cascade of Islamophobia and anti-Semitism in the two countries.

In the first-ever “Muslims and Jews United Against Hatred and Extremism” conference held in the Ukrainian capital, community leaders from both countries heard chilling accounts of discrimination and abuse.

Conference participants spoke of the beating and harassment of Muslims and Jews in the two former Soviet republics, desecration of Muslim and Jewish cemeteries and bombings as well as other attacks on communal institutions of the two faiths.

The leaders pledged to work together to combat forces of extremism and hate and to put pressure on their local authorities to take a more assertive stand in fighting perpetrators of Islamophobic and anti-Semitic attacks.

Rabbi Marc Schneier, president of the Foundation for Ethnic Understanding (FFEU) and vice president of the World Jewish Congress, hailed the historic event in Kiev, commenting; "The Foundation for Ethnic Understanding, together with our partners, is gratified to be standing in support of joint actions by Muslims and Jews in the former Soviet Union and across Europe.

He added that the meeting's "purpose is to make clear that Jews and Muslims will be there for each other if either is being unfairly attacked, and will stand united in support of principles of democracy and pluralism that will ensure a decent future for all Ukrainians and Russians."

The Kiev conference was sponsored by the Ukrainian Jewish Committee and the Institute of Human Rights and the Prevention of Extremism and Xenophobia under the leadership of the noted

Member of Parliament and business leader Oleksandr Feldman, in cooperation with FFEU.

80 Muslim and Jewish leaders from across Ukraine and Russia participated in the historic conference.

The Kiev conference was one of nine Muslim-Jewish events being held in countries in Europe during the month of May in commemoration of Europe Day.

Events opposing racism, extremism and prejudice against Muslims and Jews are being held in Britain, France, Italy, Switzerland, Germany, Austria, Netherlands, Belgium, in addition to the Ukraine throughout May, and are sponsored by FFEU, the World Jewish Congress, European Jewish Congress, World Council of Muslims for Interfaith Relations and the Muslim-Jewish Conference.

The events will culminate in Brussels on May 30, when top Jewish and Muslim leaders are to present a joint declaration to European Commission President José Manuel Barroso, committing to "resolve to work together to counter efforts to demonize or marginalize either of our communities. Bigotry against any Jew or any Muslim is an attack on all Muslims and all Jews. We are united in our belief in the dignity of all peoples."

Fonte: <http://www.haaretz.com/jewish-world/jewish-and-muslim-leaders-join-forces-to-combat-xenophobia-1.361534> - 13.05.11

Pope Urges Muslim-Christian Dialogue

A relationship based on dialogue and mutual esteem should be forged between Muslims and Christians building on the many things that unite both faiths, Pope Benedict XVI said.

"We believers have a special contribution to make towards building a better world," the Pope said following a meeting with leaders from Germany's four-million-strong Muslim community on Friday, September 23.

"If our actions are to be effective, we need to grow in dialogue and mutual esteem," added the pontiff, 84. Benedict confirmed that Christian and Muslims have many things that bind them, which can act as an example to society.

"I am thinking, for example, of the protection of the family based on marriage, respect for life in every phase of its natural course or the promotion of greater social justice," he said.

The Pope added that the unity between the two faiths in Germany could be attained through respect and trust.

A "climate of respect and trust has grown up between the Catholic Church and the Muslim communities in Germany," Benedict said.

Benedict's meeting with Islamic leaders was part of his four-day trip to his home country, Germany.

The meeting was part of his declared mission to reach out to other religions.

On Thursday, he held talks with Jewish community leaders, calling for closer ties between the Catholic and Jewish faiths.

Later on Friday, the pope will lead historic prayers in a hallowed site for German Protestants, reformer Martin Luther's monastery in the eastern city of Erfurt.

At this prayer, he is expected to stress the need for Christian unity.

New Ties

Muslim leaders in Germany welcomed the new comments by Pope Benedict as a trial to reestablish dialogue with Muslims around the world.

"The pope has now chosen a new approach in his meeting with Muslims," Bekir Alboga, head of interreligious dialogue for the Turkish mosque association DITIB, told Reuters after meeting the pope.

"I think one must look to the future and see where the possibilities for good cooperation are." Aiman Mazyek, chairman of the Central Council of Muslims in Germany, agrees.

"My impression was that the pope wants to launch a new era of dialogue with Muslims," he said.

Alboga said that Islam was part of the German society, confirming that their loyalty to the constitution was never in question.

"As Muslims in Germany, we have always said that we see the German constitution as a good basis for peaceful life together."

Germany has between 3.8 and 4.3 million Muslims, making up some 5 percent of the total 82 million population, according to government-commissioned studies.

Fonte: <http://www.onislam.net/english/news/europe/454040-pope-urges-muslim-christian-dialogue.html> - 23.09.11

ESPAÑOL

El 73% de los inmigrantes no se siente identificado con ninguna religión

La mayoría dice no tener problemas para integrarse, tanto en relación con personas o grupos autóctonos como en relación a otros grupos de inmigrantes

Aunque los debates sobre inmigración vienen a menudo ligados a cuestiones religiosas, con la habitual imagen de un barbudo o una mujer con velo integral acompañándolos cuando se trata del islam, la fe no parece estar en la primera plana de la identidad de la mayoría de los nuevos vascos.

Un 73,1% de la población de origen extranjero no siente ningún tipo específico de adscripción nacional, étnica, cultural o religiosa revela la encuesta sobre población inmigrante en Euskadi que recoge un informe del Departamento de Empleo y Asuntos Sociales. El informe general, con fecha de octubre de 2011, se basa en los datos recabados en 2010.

Deshaciendo prejuicios

Solo un 26,9% de la población de origen extranjero señala algún rasgo identitario específico. La principal adscripción sigue siendo, eso sí, la religiosa, con un 18,5% de las personas destacando esta cuestión -un 8,8% vinculado a religiones cristianas y un 9,4% a la musulmana-. Eso no quiere decir que no sean creyentes, porque la encuesta contabiliza el ateísmo como un rasgo religioso, sino que simplemente no le dan tanta importancia al peso de su fe en su identidad.

Un 5,7% del total pone por delante algún tipo identificación territorial -latinoamericano, español, vasco o bilbaíno, por ejemplo- y del 2,6% en alguna de tipo etno-cultural -árabe-. En cuanto a las formas de identificación territorial, tienen

importancia más destacada en personas con origen chino y de países del resto de África, con niveles de adscripción situados entre el 23 y 27,5%.

Identificación religiosa

Las formas de identificación religiosa alcanzan niveles del 17 al 20% en el caso de Rumanía y otros países orientales de la UE y resto del mundo. También son altas en los procedentes de países del Magreb y Senegal. En estos dos grupos, las cifras de identificación religiosa rondan el 50%. Pero incluso en colectivos como el magrebí, muy asociado al islam y a menudo presentados como una comunidad en la que su fe forma parte de sus rasgos principales, los que anteponen su religión a otras cuestiones (48%) no superan a la suma de quienes no tienen ninguna identificación grupal (38,9%), quienes optan por un elemento etnocultural (11,2%) y los que eligen algo territorial, con 1,9%.

Población de origen foráneo

Un total de 226.525 personas forman parte de unidades de convivencia o familias en las que al menos uno de sus integrantes es extranjero. En conjunto, la población de origen foráneo residente en la comunidad autónoma asciende a 179.582 personas, un 8,2% del total de la población. Un 20% de estos ya han accedido a la nacionalidad española y quienes se encuentran en situación irregular suman un total de 14.632 personas.

Un 73,8% de la población de origen extranjero mayor de 16 años llegó a Euskadi directamente desde su país de origen. Un 20,3% llegó tras una estancia previa en otras comunidades autónomas. Un 3,6%, de otros países de la UE y un 0,8% de países de fuera de la UE, en todos estos casos distintos del país de origen. Un 1,4% de la población de origen extranjero nació ya en la comunidad autónoma.

Un 32,8% está en asociaciones de ocio y deportivas; solo 7,9% en las religiosas

El tener un contacto fue determinante en más del 70% de los casos para elegir Euskadi como lugar donde instalarse. La impresión de que existen buenas oportunidades para trabajar también es una de las razones más esgrimidas. Un 52,9% salió de su país de origen como turista.

Los ingresos medios estandarizados per cápita de la población de origen extranjero se sitúan en 2010 en 863,49 euros al mes, frente a un gasto medio de

715,58 euros. Un 60,1% se ha enfrentado recientemente a algún tipo de dificultad de tipo económico, relacionada con la cobertura de las necesidades básicas de alimentación, vestido, calzado o vivienda o con la capacidad para hacer frente a gastos imprevistos.

Alrededor de un 90% dice no tener problemas para integrarse, tanto en relación con personas o grupos autóctonos como en relación a otros grupos de inmigrantes.

Un 23,3% participa en asociaciones y grupos de ocio, un 9,5% hace lo propio en asociaciones deportivas, frente al 7,9% de grupos religiosos. Entre el 3 y el 5% están vinculados a grupos informales de inmigrantes, organizaciones de autoayuda, educativas o similares. Un 2% participa en grupos vecinales o sindicatos, con apenas un 0,4% vinculado a partidos políticos.

Fonte: <http://www.webislam.com/noticias/67230-el-73-de-los-inmigrantes-no-se-siente-identificado-con-ninguna-religion.html> - 09.01.12

Unos 500 curas extranjeros ejercen en España en iglesias o con inmigrantes

En torno a 900 sacerdotes españoles trabajan en otros países

En España hay 18.633 curas para atender a 22.686 parroquias

En Canarias, hay religiosos de Guinea, Polonia, Colombia y Corea

En Zaragoza, hay polacos y colombianos al frente de numerosas parroquias

Llegan enviados por sus diócesis de origen, para ayudar a los emigrantes

Unos 500 sacerdotes extranjeros, la mayoría hispanoamericanos, ejercen su labor pastoral en España ya sea al frente de una parroquia o encargados de capellanías que atienden a grupos específicos de fieles.

Por contra, en torno a 900 sacerdotes españoles han dejado España para trabajar en otros países, una tercera parte de ellos en países latinoamericanos y bajo los auspicios de la Obra de Cooperación Sacerdotal Hispano-Americana (OCSHA).

"No se trata de que aquí falten párrocos, que faltan; ni de que allí necesiten apoyo, que lo necesitan; la Iglesia es universal y funciona como un todo unitario de apoyo y colaboración", subraya el director del secretariado de la Comisión Episcopal de Misiones y Cooperación entre las Iglesias, Anastasio Gil.

Así, según datos oficiales de la Conferencia Episcopal Española (CEE) en España hay 18.633 sacerdotes para atender a 22.686 parroquias, lo que deja a 4.053 de ellas sin cura propio.

En los últimos cinco años, tras la llegada masiva de la inmigración, ha aumentado espectacularmente el número de sacerdotes extranjeros que llegan a España, donde son acogidos con los brazos abiertos por las diócesis.

Así, en Canarias hay una decena de sacerdotes católicos llegados de otros países como Guinea Ecuatorial, Polonia, Colombia e incluso Corea.

Polacos y colombianos también están al frente de numerosas parroquias en las diócesis de Zaragoza, donde en total son cerca de 40 extranjeros; la mayoría procedentes de América Latina, aunque también hay llegados del centro y el Este de Europa y África.

Clero sudamericano

En Aragón, el 6% de los sacerdotes es extranjero, y en Valladolid siete curas de otros países ya ofician misas en más de 20 pueblos de esta provincia.

"En algunas diócesis, el clero sudamericano llega ya al 20%", confirma Gil, encargado, junto con el

director del secretariado de la Comisión Episcopal de Migraciones, José Luis Pinilla, de la acogida de los extranjeros y el envío de los que se van.

No son misioneros

Los sacerdotes extranjeros que llegan a servir en España no se consideran "misioneros". En su mayoría llegan enviados por su diócesis de origen, cuando un obispo considera que muchos compatriotas están emigrando y necesitarán apoyo y acompañamiento de un párroco de su país de origen.

Otros muchos llegan "por libre, fruto de un deseo personal; por no encontrarse cómodos allá o porque sus familias se vinieron a España", explica Gil, quien precisa que éstos llegan sin el apoyo de su diócesis de origen y se ofrecen a un obispo español, que por lo general les acoge sin problemas.

Todos ellos reciben unas "sesiones o cursos de adaptación" para conocer las características especiales de los fieles españoles y los usos y costumbres de los sacerdotes de aquí.

"Hay que explicarles que si llegan y dan una misa de hora y media, el domingo siguiente no va nadie; nos vacían las iglesias", comenta Gil.

Finalmente, otro grupo numeroso de sacerdotes extranjeros que ejercen en España son aquellos

que llegaron a estudiar en los seminarios españoles y al terminar sus estudios optaron por quedarse.

Capillanías

Pero no todos los sacerdotes extranjeros se ponen al frente de parroquias en pueblos remotos; muchos de ellos establecen capillanías o grupos de católicos con unas características especiales y que requieren una atención diferenciada.

Así, en Madrid funcionan siete capillanías por nacionalidades -filipina, polaca, dos rumanas, ucraniana, africana y china- cada una de ellas atendida por un sacerdote "de su mismo país, que habla el idioma, les comprende y les apoya y ayuda con sus problemas de adaptación", explica el responsable de Migraciones de la CEE.

Según Pinilla, en Barcelona se han creado capillanías para atender a filipinos, polacos, chinos, guineanos y latinoamericanos; y en Mallorca, los católicos polacos, rumanos, chinos, alemanes y nigerianos también cuentan con su propia capillanía.

"España es un país cada vez más internacional y eso se nota también en las iglesias", subraya.

Fonte:

<http://www.elmundo.es/elmundo/2012/02/26/espana/1330254111.html>
- 26.02.12

Uno de cada cinco templos españoles no es católico

El Gobierno lanza el Observatorio del Pluralismo Religioso para ayudar a los alcaldes a gestionar los problemas derivados de la diversidad de confesiones

Jesús Bastante

En la España aconfesional de 2011 todavía existen casi 28.000 templos y lugares de culto para las diferentes confesiones religiosas, según los datos del nuevo Observatorio del Pluralismo Religioso en España, una herramienta creada por el Ministerio de Justicia (a través de la Fundación Pluralismo y Convivencia y la Federación de Municipios y Provincias, Femp) para mejorar la gestión pública de lo religioso.

El proyecto, que se gesta a través de una página web (www.observatorioreligion.es) ha tardado cinco años en salir a la luz. La espera no ha sido en vano, la investigación ha dado lugar al primer mapa con datos totalmente fiables de las religiones que se profesan en España.

Presencia normalizada

La diversidad de confesiones es una realidad creciente en un país en el que no hace tanto la práctica totalidad de la población se declaraba afín a la confesión católica y donde hoy únicamente un 27% se declaran católicos practicantes, mientras que los ciudadanos que pertenecen a otra religión suman ya el 6%.

A diferencia de lo que sucedía hace 30 años, los datos del Observatorio señalan que una quinta parte de dichos centros de culto (4.493) no pertenecen a la Iglesia católica. Evangélicos, musulmanes, judíos, testigos de Jehová, ortodoxos o budistas cuentan con presencia más o menos normalizada en nuestro país y su presencia se nota en la proliferación de locales en las ciudades donde celebran sus ritos.

Pese a todo, los católicos son abrumadora mayoría, con más de 23.000 iglesias repartidas por

todo el país. Precisamente, la cesión de terrenos para la concesión de templos es uno de los principales problemas con los que, demasiado a menudo, se encuentran las minorías religiosas en su trato con las autoridades públicas. "A veces el alcalde se encuentra con alguien que le dice que quiere poner una mezquita, o que quiere enterrar a una persona y no por el rito católico, y los regidores, por desconocimiento, no saben cómo actuar", señalan desde Pluralismo y Convivencia.

Y es que uno de los objetivos del recién creado Observatorio es el de ofrecer herramientas a los ayuntamientos para "conocer mejor la diversidad religiosa en España, un fenómeno creciente debido a la inmigración, y así favorecer la convivencia desde el respeto mutuo y el derecho a la diferencia", según señaló el ministro de Justicia, Francisco Caamaño, en la presentación del mismo.

Problema de interlocución

"En muchas ocasiones, el problema es simplemente de interlocución porque el alcalde del municipio o el concejal de turno no saben a quién dirigirse para gestionar una cuestión concreta. Y hasta cierto punto es lógico porque hasta ahora no habían tenido que enfrentarse a determinadas peticiones. La única confesión en muchos municipios era la católica y cualquier asunto se solucionaba llamando directamente al párroco, al que todo el mundo conocía", apuntó durante la presentación José Manuel López, director de la Fundación Pluralismo y Convivencia.

El Observatorio pretende dar respuesta a esta y otras cuestiones, desde la gestión de los cementerios municipales hasta la seguridad ciudadana, pasando por las manifestaciones públicas de la fe (no sólo la católica), los diseños de los menús en los colegios o el modo de manipular la carne en los mataderos. En la web en cuestión se ofrece un completo mapa de la realidad religiosa que existe en España, además de ofrecer toda la legislación y normativas aplicables en lo tocante a la libertad religiosa .

"Se trata de facilitar las relaciones entre las comunidades religiosas y los Ayuntamientos, y mejorar la gestión de los asuntos religiosos cotidianos que en muchos pueblos no saben todavía cómo abordar", incidió López. Las soluciones se configuran en torno a "guías de buenas prácticas", en las que se recogen experiencias que han dado resultados en algunos municipios españoles. Sin embargo, no incluye inspecciones concretas o la posibilidad de que los afectados puedan denunciar. "No queremos dar recetas, simplemente demostrar que el hecho de profesar o no una religión no debe suponer un mayor privilegio, o una merma, en los derechos de cada ciudadano", añadió.

Información adecuada

"El objetivo es evitar que la diversidad religiosa se convierta innecesariamente en un problema, cuando la mayoría de los asuntos en conflicto se podrían resolver simplemente con la información adecuada", resaltó el ministro Caamaño, quien subrayó también la coincidencia de que el Observatorio haya visto la luz el mismo día en que cumplen 30 años desde que entrara en vigor la actual Ley de Libertad Religiosa, cuya reforma, finalmente, ha sido paralizada sine die.

Por su parte, la secretaria general de la Federación Española de Municipios y Provincias (Femp), Isaura Leal, subrayó que la religión es un importante factor de cohesión y estructuración social que, bien gestionado, "puede y debe ser factor de integración social".

El Observatorio, incluido en el plan de Derechos Humanos aprobado por el Gobierno en diciembre del año 2008, culmina cinco años de trabajo previo coordinado por la Fundación Pluralismo y Convivencia, en el que han participado siete ministerios, siete comunidades autónomas, la Femp y un total de 16 universidades, encargadas de realizar las investigaciones. El proyecto también ha contado con la participación de las principales confesiones religiosas con presencia en España.

Fonte: <http://www.publico.es/espana/385554/uno-de-cada-cinco-templos-espanoles-no-es-catolico> - 06.07.11

Musulmanes y judíos franceses se unen en protesta por la politización del debate sobre la carne halal

A lo largo de sus cinco años de gobierno, Sarkozy ha implementado medidas políticas y sociales que han conducido a una injusta estigmatización de la comunidad musulmana

Musulmanes y judíos en Francia se unieron el pasado martes para protestar contra lo que

consideran una manipulación descabellada, al estar siendo utilizados en la campaña electoral por la presidencia, dominada cada vez más por una

serie de disputas sobre la identidad nacional y el sacrificio religioso.

"Las problemáticas que afronta el país galo son realmente importantes, especialmente en esta etapa de crisis que atravesamos. De modo que, ¿cómo puede ser el asunto de la carne halal y kosher un problema importante para Francia en estos momentos?", se pregunta exasperadamente el Gran Rabino de Francia, Gilles Bernheim.

Por su parte, el Consejo Francés del Culto Musulmán (CFCM) criticó lo que ha venido a llamar como el uso de los musulmanes como "chivos expiatorios" en la campaña electoral, en la que el sacrificio halal de animales se ha convertido en un tema candente.

Las reacciones excepcionalmente fuertes de las dos comunidades se produjeron un día después de que el primer ministro, François Fillon, instara a musulmanes y judíos a considerar la abolición de sus "anticuadas" normas en el sacrificio animal, según fueron calificadas por éste último.

El comentario se suscitó de boca del Presidente Nicolas Sarkozy -quien busca su reelección las votaciones de abril-mayo-, y sus ministros mantuvieron sus esfuerzos para cortejar a votantes de extrema derecha, seguidores del islamófobo Frente Nacional, dirigido por Marine Le Pen.

Le Pen abrió el debate halal el mes pasado, cuando dijo que toda la carne de los mataderos de la región de París era sacrificada conforme a las tradiciones islámicas y que los consumidores no musulmanes en la capital estaban siendo engañados.

Sin embargo, más tarde se desmintieron estas declaraciones al saberse que los mataderos de la región de París suministraban mayormente a carnicerías locales regentadas por musulmanes y que la mayoría de la carne vendida en París provenía de fuera de la región.

Pero el asunto continuó llamando la atención y Sarkozy sugirió el sábado que la carne debería ser etiquetada detalladamente para que los consumidores sepan cómo se ha sacrificado el animal, algo que rechazan judíos y musulmanes

porque temen que conduzca a una estigmatización de sus respectivas comunidades.

Francia es hogar de la minoría musulmana más numerosa de Europa, oficialmente estimada en 4 millones de personas, así como de su comunidad judía más amplia, cifrada en unos setecientos mil.

El país ha estado debatiendo durante años hasta qué punto está dispuesto a llegar para integrar y acomodar al Islam, ya la segunda religión de Francia, y Sarkozy y Le Pen, han hecho del asunto un tema central en sus campañas.

François Hollande, candidato socialista y favorito en las encuestas de opinión, dijo el martes que sus rivales habían ido demasiado lejos y pidió "moderación".

"Nuestros conciudadanos musulmanes y judíos se sienten heridos, independientemente de cuales pudieran ser sus lealtades políticas", dijo.

El líder del Consejo Musulmán, Mohammed Moussaoui, lo confirmó.

"El CFCM no entiende por qué el Islam y los musulmanes están siendo utilizados como chivos expiatorios en esta campaña y no estamos dispuestos a aceptar esto", dijo a AFP.

Richard Prasquier, dirigente del CRIF, grupo paraguas de las organizaciones judías de Francia, dijo el lunes que estaba "conmocionado" por la pasmosa declaración de Fillon.

La oficina de Fillon dijo que el primer ministro se reunirá con el Gran Rabino Bernheim para discutir el tema del sacrificio ritual.

El gobierno de Sarkozy ha sido criticado por grupos musulmanes debido a una serie de medidas implementadas a lo largo de sus cinco años de gobierno, en los que la comunidad musulmana ha sido injustamente estigmatizada.

Francia votará la primera ronda de las elecciones presidenciales el 22 de abril, seguidas por una segunda ronda, que tendrán lugar el 6 de mayo.

Fonte: <http://www.webislam.com/noticias/70425-musulmanes-y-judios-franceses-se-unen-en-protesta-por-la-politizacion-del-debate.html> - 12.03.12

Islam en Buenos Aires

La religión islámica está aumentando sus fieles alrededor del mundo, y para algunos ya está ocupando el primer puesto en cantidad de devotos. ¿Qué sabemos de la práctica de esta religión en nuestro país?

Los datos demográficos de los últimos años acerca de las religiones muestran al Islam como la fe con más crecimiento alrededor del mundo, con una

tasa sorprendente especialmente en Europa. En Latinoamérica esta tendencia parecería mantenerse pero con un índice bastante menor. En

nuestro país la religión islámica tiene una baja visibilidad y en general se desconocen sus particularidades e incluso los lugares donde se practica su fe.

Existen en la ciudad de Buenos Aires tres centros islámicos: en Parque Patricios la Mezquita Al-Ahmad que pertenece a la OIA (Organización Islámica Argentina), en Floresta la Mezquita At-Tauhid de la CIRA (Centro Islámico de la República Argentina), y en Palermo la Mezquita Rey Fahd que pertenece al Centro Cultural Islámico "Custodio de las Dos Sagradas Mezquitas Rey Fahd".

Aunque ninguno de ellos reveló a Notio los números de sus nuevas conversiones o datos concretos acerca de su crecimiento, el Profesor Ricardo Elías, Director del Departamento de Estudios Históricos del Centro Islámico de la República Argentina sostiene que: "hay un aumento demográfico pero no en la misma medida que en Europa". Este crecimiento de la religión musulmana, explica Elías, "no sólo es en la región de Buenos Aires sino también en el interior del país".

Tal vez la negativa acerca de dar cifras precisas se deba a la razón que da Galeb Moussa del equipo de prensa de la Mezquita At-Tauhid: "Para no alentar la mala propaganda y la difamación". Seguramente el bajo perfil también esté relacionado con los horrores del terrorismo asociados a algunos fieles musulmanes que desvirtúan los preceptos religiosos. Aunque Moussa no da datos, igualmente comenta que "el Islam crece a pesar de todas las campañas que se orquestan para desprestigiarlo".

La palabra conversión, dice Elías, es "poco feliz", y aclara: "No se trata de cambiar algo por otro. Es una aceptación voluntaria y a conciencia de la fe monoteísta basada en una espiritualidad. Las adhesiones al Islam en la Argentina han crecido paulatinamente desde los años ochenta del pasado siglo hasta nuestros días". Este fenómeno, destaca Moussa, se debe a que ahora hay mayor conocimiento de los preceptos del Islam. "A partir de la Revolución Islámica de la República Islámica de Irán, el mundo islámico despertó de un letargo", comenta. Elías, sostiene en el mismo sentido que a partir de la segunda mitad del siglo XX "hubo una mayor difusión de los principios espirituales y morales que calaron hondo en muchas personas que buscaban una concepción ejemplar y creíble, especialmente después del colapso de diversas ideologías."

Comunidad y equilibrio

Algunos argumentos relacionan el crecimiento del Islam con el fanatismo religioso, pero estos argumentos ignoran deliberadamente las ventajas que el Islam parece ofrecer frente a las religiones mayoritarias de Occidente. Se muestra como una institución menos vertical, de gran contención afectiva y que orienta sus creyentes hacia el equilibrio, resguardándolos de los "vicios" de las ciudades modernas. Como indica Moussa: "El Islam no tiene una estructura con un Papa y Obispos, ni nada por el estilo. Es bastante horizontal en ese caso". Esto permite que "el creyente se relacione directamente con Dios". Para Moussa el religioso es sólo un guía.

Según Elías, "el Corán habla de gente inteligente, serena y moderada que se controla cuando está enojada". La templanza es una de las características buscadas por el fiel, como explica Moussa: "El Islam no es un modo de vida de extremos, es tratar de plasmar el equilibrio en todo sentido. Dosifica tanto la parte práctica exterior como la súplica, la devoción que es la parte interior". Elías cree que es la "combinación de preceptos de la Revelación Divina y el racionamiento lo que permite al Islam tener respuestas apropiadas, nutritivas y sagaces ante un mundo convulsionado como el actual".

Es en la comunidad de fieles donde suelen encontrar los parámetros para ese equilibrio. "No hay diferencia entre un árabe y un no árabe, entre un hombre y una mujer, entre un rico y un pobre excepto por su piedad y el temor a Dios", cita Elías de El Corán y explica que "con esos parámetros los musulmanes y las musulmanas forman una comunidad solidaria muy equilibrada que posee una actitud capaz de discernir entre aquello que está bien y aquello que está mal".

Más allá de las nuevas adhesiones, el Islam tiene una larga historia en nuestro país. La inmigración islámica de finales del siglo XIX y principios del XX provino de diversos países de Oriente Medio, entre los que suelen destacar Siria y Líbano. Para Moussa no hubo comunidad más integrada que la de los países árabes y agrega: "Es más, hasta nos perjudicó en algunos casos porque muchos han perdido la religión al casarse con mujeres que no eran musulmanas o de la misma pertenencia étnica".

Elías opina que "la principal característica de los inmigrantes musulmanes fue la compatibilidad de idiosincrasia y cultura con el pueblo argentino". Todos los que llegaron "se sintieron muy a gusto y en muy poco tiempo se hicieron muy argentinos en todo el sentido de la palabra". El integrante de la OIA continúa explicando que: "Desde entonces y

hasta nuestros días la vida de los musulmanes en nuestro país ha sido notablemente pacífica, gracias a Dios. Por eso es que siempre decimos que somos ciudadanos argentinos de fe islámica completamente consustanciados con la identidad nacional".

Diferencias internas

En el pasado no había diferencias entre los creyente musulmanes locales. Moussa comenta que antes los paisanos estaban todos juntos, "lo poco que sabían del Islam, no los diferenciaba como ahora". Luego, las divisiones internas que se remontan a los inicios de la religión fundada por Muhammad (Mahoma) en el siglo VII, se plasmaron aquí también.

Moussa comenta: "Somos hermanos más allá de las escuelas de pensamiento. Tenemos el mismo libro. Puede haber diferencias de interpretación, pero El Corán es el mismo y Dios y el Profeta también". Las diferencias estarían en que el CIRA en su concepción es Sunita, mientras que la OIA es Chiíta. Moussa hace la salvedad de que tratan de no establecer estas divisiones y mostrarse como hermanos en la fe, aunque respecto de la Mezquita del Rey Fadh dice: "son sunitas pero practican el Wahhabismo que nosotros consideramos de manera tajante una deformación del Islam, porque son literalistas. Pretenden un Islam del siglo VII, y el mundo cambia".

Fonte: <http://notio.com.ar/sociedad/islam-en-buenos-aires-11615> - 07.05.11

Diócesis mexicana diseña estrategia contra los abusos a inmigrantes

Piden que el Estado mexicano proteja el derecho a "emigrar sin violencia"

Expertos nacionales e internacionales reunidos en Saltillo, ciudad de norte de México, acordaron una agenda de siete puntos prioritarios para terminar con abusos contra las y los migrantes tanto mexicanos como los que atraviesan por el territorio nacional camino a Estados Unidos, provenientes de Centro América y de muchos otros lugares del mundo.

Convocados – entre otras organizaciones católicas y no gubernamentales, por la diócesis de Saltillo, a cuyo frente se encuentra monseñor Raúl Vera López OP, representantes de casas del migrante de todo el país, académicos, organizaciones internacionales, en calidad de defensoras y defensores de derechos humanos, elaboraron de manera conjunta una agenda para responder a esta realidad que toma visos de tragedia humanitaria como colofón a los trabajos del "Taller Internacional por el Derecho a migrar sin Violencia".

El taller es producto del seguimiento del premio que la fundación Rafto por los Derechos Humanos le dio a monseñor Vera López el pasado mes de noviembre de 2010 en Bergen, Noruega, por su defensa de los migrantes y su contribución a la pacificación de una de las zonas más conflictivas del planeta, como lo es la frontera de México con Estados Unidos.

El Taller se centró en la tragedia que viven las personas migrantes mexicanas y extranjeras en México, caracterizada por más de 20 mil secuestros al año, masacres como la de los 72 migrantes en San Fernando, Tamaulipas y los

hallazgos continuados de fosas clandestinas con los restos mortales de cientos de personas.

La intención del Taller fue la de intercambiar experiencias y propuestas para poner fin a las violaciones a los derechos humanos de los migrantes en tránsito por México. Después de tres días de análisis de la situación que enfrentan las personas migrantes en México y del fenómeno regional y global de la migración, se exigen al Estado mexicano una serie de puntos.

El primero, que proporcione a las personas transmigrantes la posibilidad de transitar el territorio nacional con un estatus migratorio regular. Lo anterior se puede lograr mediante la inclusión de una visa para transmigrantes en las reformas a la nueva Ley de Migración en los próximos meses, o mediante un acuerdo de supresión de visas entre México y los países de origen, sobre todo los países centroamericanos.

El segundo, que garantice la seguridad de las personas mexicanas que se ven obligadas a migrar y que se han convertido en centro de mercantilización igual que la población transmigrante.

El tercero, ante la ineficacia de los programas actuales en materia de deportación, que garantice un retorno seguro a casa de las personas mexicanas repatriadas, proporcionándoles información, una identificación y los recursos económicos y logísticos necesarios para este fin.

El cuarto, que reconozca, garantice y proteja el derecho de defender a los migrantes, en particular garantizar la protección de las casas de migrante y

las personas defensoras de derechos humanos. En este sentido, destacamos que cualquier acción o mecanismo gubernamental de protección para las y los defensores de derechos humanos debe ser resultado de un proceso participativo de consulta y acuerdos con la sociedad civil.

El quinto, considerando que la obligación de investigar todo delito cometido contra las personas migrantes corresponde al Estado a partir del momento en que tenga conocimiento de la probable comisión de actos delictivos, exigimos que el Gobierno mexicano cumpla este deber, poniendo fin a la impunidad imperante y persiguiendo, consignando y sancionando a los autores de secuestros, masacres, violencia sexual y otros abusos contra migrantes, incluyendo a los agentes estatales coludidos o que toleren dichas conductas a todos niveles. Ante la ineficacia de las instituciones de procuración de justicia, a nivel estatal y federal, proponemos la creación de una instancia especializada que garantice una investigación de dichos delitos acorde a los estándares internacionales de derechos humanos, en consulta con la sociedad civil dedicada a la protección de la población migrante. Destacamos que esta instancia debe cuidar de no repetir las deficiencias de pasadas Fiscalías especializadas que sólo han abonado a la impunidad.

El sexto, que garantice la atención y protección integral a migrantes víctimas de delito y a testigos, asignando un presupuesto adecuado para los programas necesarios de atención integral y protección.

El séptimo y último, que colabore activamente con los gobiernos de la región para implementar soluciones efectivas que pongan fin a los abusos cometidos en contra de sus ciudadanos en territorio mexicano.

En su comunicado de prensa, los miembros del Taller argumentaron que “las y los migrantes, sujetos de derecho, se encuentran en una situación de peligro inminente por su estatus y por las causas estructurales que los obligan a abandonar sus países y transitar en la clandestinidad. Este fenómeno exige urgentemente una respuesta eficaz que garantice la vida, integridad física y seguridad de todas las personas migrantes en territorio mexicano”.

Finalmente, dijeron que “ningún país democrático puede aceptar la masacre continuada de decenas de miles de personas vulnerables que igual que millones de mexicanos buscan una vida digna y libre de violencia”.

Fonte: <http://www.zenit.org/article-39672?!=spanish> – 21.06.11

Obispos católicos piden respaldo para indocumentados

Vuelven a pedir al Congreso que debata y apruebe una reforma migratoria justa

Siete obispos católicos de Michigan pidieron más respaldo para inmigrantes que están indocumentados en Estados Unidos, en un documento enviado a feligreses y funcionarios electos en todo el estado, reportó The Associated Press.

Los prelados dijeron en la carta publicada el miércoles que "es injusto y erróneo" culpar a esos inmigrantes por los problemas que pueden ser atribuidos más acertadamente a una "fallida política federal" del sistema migratorio.

Los obispos pidieron a los legisladores del estado de Michigan que rechacen iniciativas de ley en el estado que amenacen la dignidad de los inmigrantes y dividan a sus familias, en referencia a polémicas leyes como la SB1070 de Arizona y la HB 56 de Alabama, que criminalizaron la estadía indocumentada, un acto que en el resto de los estados sigue siendo una falta de carácter civil no criminal.

También exhortaron a los legisladores destinados en Washington que apoyen y promuevan proyectos de ley federales como la reforma migratoria comprensiva, que incluya una vía para la legalización de millones de indocumentados.

La declaración está firmada por el arzobispo de Detroit, Allen Vigneron, y los obispos Bernard Hebda, de Gaylord, Walter Hurley, de Grand Rapids; Paul Bradley, de Kalamazoo; Earl Boyea, de Lansing; Alexander Sample, de Marquette, y Joseph Cistone, de Saginaw.

Casi una década

Desde comienzos de 2002 la Iglesia católica estadounidense viene presionando al gobierno federal y al Congreso para que se apruebe una reforma migratoria amplia que saque de las sombras a los millones de inmigrantes sin papeles que viven en el país, la mayoría de ellos latinoamericanos.

Los Obispos claman por una “reforma profunda y humanitaria” de la ley de inmigración y un trato digno para los inmigrantes.

John Wester, obispo de Salt Lake City y presidente del Comité sobre Migración de la Conferencia Episcopal de Estados Unidos, dijo señaló en junio que la Iglesia Católica busca “formar una respuesta pastoral y multinacional a las personas forzadas a migrar por la violencia o por las dificultades económicas”.

“En el debate en Estados Unidos sobre la inmigración a menudo se pierde de vista que esto es un fenómeno global y no reconocemos las razones económicas o políticas que empujan a la gente a migrar”, añadió.

Asunto "polítizado"

La Conferencia de Obispos Católicos de Estados Unidos (USCCB) señaló que en la última década ha gestionado en favor de una reforma de las leyes de inmigración, pero el asunto se ha politizado cada vez más, lo cual dificulta la discusión.

“Esto no es solo un problema político, es un asunto moral y humano, y nuestro papel es ayudar en la conversación”, añade.

El Obispo de Salt Lake City, John Wester, comenzó que leyes como las de Arizona, que convierte en un crimen la presencia de inmigrantes indocumentados, “ha tenido al menos un efecto positivo: Ha llamado la atención sobre la necesidad, urgente, de que el Gobierno Federal actúe de una vez por todas en cuanto a la inmigración”.

La Iglesia Católica participa, junto con iglesias de otras denominaciones, participará entre el 18 de septiembre y el 9 de octubre en una campaña nacional a favor del Dream Act, proyecto de ley que forma parte de la reforma migratoria y que de ser aprobado daría residencia a miles de jóvenes indocumentados que ingresaron siendo niños a Estados Unidos.

Falta de acuerdo

El Dream Act, presentado por primera vez en el Congreso en 2001, cuenta con el respaldo de decenas de organizaciones nacionales que

defienden los derechos de los derechos de los inmigrantes, los demócratas y la Casa Blanca, pero necesita el apoyo republicano para ser aprobado en ambas cámaras del legislativo.

Sin embargo la posición se niega a aprobarlo y argumenta que se trata de una amnistía.

El representante Lamar Smith (republicano de Texas), quien preside el Comité Judicial de la Cámara, dijo en una carta publicada por el periódico USA Today que el Dream Act impediría a los estadounidenses desempleados conseguir puestos de trabajo "ya que millones de inmigrantes indocumentados serían elegibles para trabajar en Estados Unidos".

"El Dream Act también es una invitación abierta al fraude", agregó Smith. "Muchos inmigrantes ilegales de manera fraudulenta dirán que vinieron a Estados Unidos siendo niños", y con ello serían legalizados unos 2 millones de indocumentados, agregó.

Recientemente Smith presentó al Congreso una propuesta para volver obligatoria la herramienta federal E-Verify que, según su plan, permitiría identificar rápidamente a aquellos empleados que laboran ilegalmente en Estados Unidos protegiendo los puestos de trabajo para los trabajadores legales.

Presión con rezos

La Campaña a favor del Dream Act es coordinada por la Coalición Interreligiosa de Inmigración e invitó a jóvenes en todo el país para que asistan a los oficios de adoración entre el 18 de septiembre al 9 de octubre "para compartir sus historias".

Además de iglesias, el Dream Act es respaldado por empresarios, sindicatos, abogados, la Casa Blanca y decenas de organizaciones defensoras de los derechos de los inmigrantes en todo el país.

El Congreso no ha dado a conocer si incluirá el proyecto en la legislatura 2012. Para ser aprobado, necesita 218 votos en la Cámara de Representantes (controlada por republicanos) y 60 (sobre 100) en el Senado, donde los demócratas tienen 51 asientos.

Fonte: <http://noticias.univision.com/inmigracion/reforma-migratoria/article/2011-08-04/obispos-reforma-migratoria> - 04.08.11

Títulos da Resenha Migrações na Atualidade

1. BRASIGUAIOS
2. EMIGRAR - Opção ou necessidade
3. OS EXPULSOS DA TERRA
4. MIGRAÇÕES E TRABALHO
5. LEIS E MIGRAÇÃO
6. MIGRAÇÕES NORDESTINAS
7. JOVENS MIGRANTES
8. MIGRAÇÕES INTERNAS: Aspectos vários
9. DESEMPREGO
10. VÍTIMAS DO RACISMO
11. MORADIA: Direito de todos
12. FAVELAS: Migração da dignidade humana
13. FOME E MISÉRIA
14. LATINO - AMERICANOS EM MIGRAÇÃO
15. A FAMÍLIA
16. TRABALHO ESCRAVO
17. SOS: Pequenos sem lar
18. REFUGIADOS
19. EXCLUÍDOS - Um clamor à justiça e a solidariedade
20. MULHER MIGRANTE - Solidariedade e acolhida
21. SEM – TERRAS
22. DIREITOS HUMANOS - Violação e defesa
23. TERRA E MIGRAÇÃO
24. MIGRANTES EM SITUAÇÃO IRREGULAR
25. CRIANÇAS, ADOLESCENTES E TRABALHO
26. CF /97 E AS MIGRAÇÕES
27. MIGRANTES E AS RELAÇÕES DE TRABALHO
28. VIOLÊNCIA CONTRA MIGRANTES.
29. PELA DIGNIDADE DO MIGRANTE
30. DESEMPREGO EM ALTA
31. EDUCAR É PRECISO
32. SECA AUMENTA O VAIVÉM DE MIGRANTES
33. ANISTIA A ESTRANGEIROS EM SITUAÇÃO ILEGAL
34. SEM TRABALHO ... por quê?
35. DESAFIOS DA MIGRAÇÃO frente ao novo milênio
36. O MIGRANTE É VÍTIMA !...
37. REFUGIADOS: desafio à solidariedade
38. DIGNIDADE HUMANA E PAZ - CF/2000
39. XENOFOBIA
40. TRÁFICO HUMANO - a escravidão moderna
41. CRIANÇAS E ADOLESCENTES na armadilha da globalização
42. DROGAS, uma ameaça à VIDA.
43. MULHERES: Protagonistas ou excluídas?
44. MIGRANTES e Conflitos armados
45. RETRATO SOCIAL dos MIGRANTES.
46. POVOS INDÍGENAS, resgate de uma civilização.
47. ALIMENTAÇÃO é um direito humano. Por que tanta fome?
48. IMIGRANTE: rejeitado, mas indispensável!
49. ÁGUA: fonte de segurança alimentar.
50. PESSOAS IDOSAS: dignidade e esperança.
51. A MERCANTILIZAÇÃO DO SER HUMANO
52. EMIGRAÇÃO: As lutas de brasileiros e brasileiras no exterior.
53. DISCRIMINAÇÕES: o ser humano ferido.
54. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: rumos e desafios.
55. MIGRAÇÕES: culturas e integração.
56. REFUGIADOS: novos desafios na conjuntura atual.
57. TRÁFICO DE SERES HUMANOS: negação da dignidade.
58. MIGRAÇÕES: leis insuficientes e políticas migratórias discriminatórias.
59. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO.
60. XENOFOBIA: o migrante como ameaça. Por quê?
61. RELIGIÕES: força e fragilidade dos migrantes
62. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: novos fluxos e políticas seletivas
63. POBREZA produz migração. Migração contrasta a pobreza?
64. CAMINHOS E DESCAMINHOS DA INTEGRAÇÃO
65. POVOS EM FUGA: os/as deslocados/as
66. CRIMINALIZAÇÃO DOS MIGRANTES E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO: desafios
67. MIGRAÇÕES E TRABALHO: valorizar a contribuição e erradicar a exploração
68. MIGRAÇÕES E CULTURA: como superar a discriminação?
69. MIGRAÇÕES E REFÚGIO: a ambigüidade das estratégias de proteção
70. LEIS E POLÍTICAS MIGRATÓRIAS: direito a ter direitos
71. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO: qual o papel das remessas?
72. O PAPEL PROFÉTICO DAS RELIGIÕES junto aos migrantes
73. TRÁFICO DE PESSOAS: quais são as estratégias de combate?
74. CIDADE: lugar de encontro ou exclusão?
75. SER MIGRANTE EM TEMPOS DE CRISE
76. ENTRE ASSIMILAÇÃO e INTEGRAÇÃO
77. MUDANÇAS CLIMÁTICAS e REFUGIADOS AMBIENTAIS
78. AS MIGRAÇÕES GERAM VIOLÊNCIA OU REAÇÕES VIOLENTAS?
79. TRABALHADORES MIGRANTES: indispensáveis, mas sem direitos
80. XENOFOBIA: a nova face da exclusão
81. MULHERES REFUGIADAS
82. RELIGIÃO: fator de integração dos migrantes?
83. Os rumos do TRÁFICO DE SERES HUMANOS
84. MIGRAÇÃO DE RETORNO e crise: sonho frustrado?
85. Os desafios da MIGRAÇÃO FEMININA
86. As RELIGIÕES diante dos desafios das MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS